



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM – MESTRADO

**CAPITAL DO AUTOMÓVEL AMBULÂNCIA: RECONFIGURAÇÃO
DO *HABITUS* NO DISTRITO FEDERAL (1902-1906)**

Mestranda: Thatiana Arruda Ferreira Campos

Orientador: Prof. Dr. Fernando Rocha Porto

RIO DE JANEIRO

2020

THATIANA ARRUDA FERREIRA CAMPOS

**CAPITAL DO AUTOMÓVEL AMBULÂNCIA: RECONFIGURAÇÃO DO *HABITUS* NO
DISTRITO FEDERAL (1902-1906)**

LINHA DE PESQUISA

Saúde, História e Cultura: saberes em enfermagem

PROJETO DE PESQUISA

**História do Cuidado nos aspectos micro e macromoleculares: práticas, saberes e
instituições**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Rocha Porto

Rio de Janeiro

2020

CC198 Campos, Thatiana Arruda Ferreira
Capital do Automóvel Ambulância: Reconfiguração do
Habitus no Distrito Federal (1962-1966) / Thatiana
Arruda Ferreira Campos. -- Rio de Janeiro, 2020.
86

Orientador: Fernando Rocha Porto.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Enfermagem, 2020.

1. Enfermagem. 2. História da Enfermagem. 3.
Ambulância. 4. Cultura. I. Porto, Fernando Rocha,
orient. II. Título.

CAMPOS, THATIANA ARRUDA FERREIRA. **CAPITAL DO AUTOMÓVEL AMBULÂNCIA: RECONFIGURAÇÃO DO *HABITUS* NO DISTRITO FEDERAL (1902-1906)**, 2020. 86 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação Mestrado em Enfermagem, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Área de Concentração: História do cuidado nos aspectos micro e macromoleculares: práticas, saberes e instituições.

Linha de Pesquisa: Saúde, História e Cultura: saberes em Enfermagem.

Aprovada em ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fernando Rocha Porto
Presidente

Prof^a. Dr^a Luciana Barizon Luchesi
1^a Titular

Prof^a. Dr^a Renata Flavia Abreu da Silva
2^o Titular

Prof. Dr. Daniel Aragão Machado
1^o Suplente

Dr^a Simone Aguiar da Silva
2^o Suplente

**Rio de Janeiro
2020**

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra à minha família, por todo amor, compreensão e carinho nessa etapa. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

À Deus, agradeço a força para chegar até aqui e, a serenidade nos momentos de angústia.

Aos meus pais, João Ernesto e Maria Lucia, obrigada pelos ensinamentos da vida e o amor incondicional. Obrigada pelo apoio emocional e logístico nessa caminhada. Vocês são o meu porto seguro. Amo vocês.

Ao meu irmão, cunhados, sobrinhos, primos, tia e avós, agradeço a compreensão pelas minhas ausências enquanto me debruçava nesse estudo. Cada um tem seu espaço no meu coração.

Aos meus sogros, Paulo e Rosane, agradeço a disponibilidade e as vibrações positivas.

Ao meu esposo Rafael, por estar ao meu lado, por compreender o processo de mestrado, as ausências, angústias e o silêncio. Te amo.

À minha filha Giovana, pelos momentos de alegrias e carinho. Por ser aquela que me impulsiona a buscar desafios e enfrentar os obstáculos. Você é meu amor, minha vida.

Às minhas amigas Milena, Priscila, Marcela, Monique, Regina, Robertta, Alessandra, Gisele e Ana Luisa obrigada pela amizade, apoio e carinho. Às amigas Ana Caroline e Kátia por todo incentivo e parceria. À minha amiga irmã Danielle, minha gratidão pelas melhores palavras nas horas necessárias, por sempre me fazer enxergar uma alternativa e pelo carinho.

Ao COREN-RJ, pelo incentivo e concessão de parte de carga horária de trabalho, para a realização do curso de mestrado. Muito obrigada.

Ao grupo LACUIDEN, agradeço pela receptividade e contribuições realizadas para construção deste estudo. Em especial à minha dupla e amiga querida Sarah Barreto, obrigada pelo apoio nos momentos de dúvida, nas trocas de ideias e, nos conselhos da vida. Vocês foram muito importantes.

Ao meu orientador Prof. Dr. Fernando Porto, pelos ensinamentos e paciência. As ideias compartilhadas foram fundamentais nesse processo. Muito Obrigada.

CAMPOS, THATIANA ARRUDA FERREIRA. **CAPITAL DO AUTOMÓVEL AMBULÂNCIA: RECONFIGURAÇÃO DO *HABITUS* NO DISTRITO FEDERAL (1902-1906)**, 2020. 86 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação Mestrado em Enfermagem, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2020.

RESUMO

O primeiro automóvel-ambulância, vindo à cidade do Rio de Janeiro, modelo adaptado de Paris, em 1904 na gestão do Prefeito Francisco Pereira Passos inicia o transporte de paciente de vias públicas ou domicílios para hospitais. Têm-se como objetivos descrever, analiticamente, a inserção do automóvel ambulância para a reconfiguração do *habitus*, no atendimento de urgência em vias públicas, de 1902 a 1906 e, discutir as estratégias traçadas para a adesão ao socorro em urgências por meio de automóvel ambulância, em vias públicas. Trata-se de uma pesquisa histórica, com delimitação temporal de 1902 a 1906, em virtude da inserção do artefato no Brasil a partir da gestão de Francisco Pereira Passos como prefeito da capital federal. Para análise adotamos os conceitos de Bourdieu (1998) como: *habitus a hexis corporal*. A massa documental se deu a partir de buscas por imagens no site da Biblioteca Nacional Digital-Hemeroteca, com os termos “ambulância” e “automóvel ambulância” (1902-1906), bem como visitação à acervos na cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, aplicou-se critérios como exclusão as fotos repetidas e notícias com conteúdo exclusivamente escrita, e inclusão de fotografias que apresentassem ambulâncias automotivas junto a profissionais. A análise foi efetuada pela matriz fotográfica (PORTO, 2007), com posterior triangulação dos dados. O estudo está amparado pela Lei n. 9.610/1998 nos capítulos III e IV e pela Resolução nº 510/2016. Como resultados obteve-se o corpus documental de 04 imagens, após aplicação dos critérios. Os achados apontam para o surgimento de um serviço de transporte de doentes modernos a partir de 1904 com a encomenda das automóveis ambulâncias pela Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro, com inauguração em 1905. A presença de elementos simbólicos no automóvel ambulância propagava a visibilidade pretendida pela Associação em um momento de crise econômica na cidade. A nova cultura implantada originava uma mudança comportamental da sociedade, imprimindo novo *habitus* através de costumes e condutas modificadas entendidas como reconfiguração. A necessidade de persuadir a população em razão de uma assistência interligada a materiais e medicamentos conduziu à adoção de providências dramáticas para utilização desse novo artefato. As publicizações das imagens de atendimento aos feridos em via pública ofereciam credibilidade e prestígio às ações, imprimindo um capital simbólico a partir das representações cultural, econômica e social que este artefato impunha à sociedade.

DESCRITORES: Enfermagem; História da Enfermagem; Ambulância; Cultura.

CAMPOS, THATIANA ARRUDA FERREIRA. **AUTOMOBILE AMBULANCE CAPITAL: RECONFIGURATION OF HABITUS IN THE FEDERAL DISTRICT (1902-1906)**, 2020. 86 f. Thesis (Master's degree). Postgraduate Program Master of Nursing, Federal University of the State of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2020.

ABSTRACT

The first ambulance car, coming to the city of Rio de Janeiro, model adapted from Paris, in 1904 under the administration of Mayor Francisco Pereira Passos begins the transport of patients from public roads or homes to hospitals. The objective is to analytically describe the insertion of the ambulance car for the reconfiguration of habitus in emergency care on public roads, from 1902 to 1906, and to discuss the strategies outlined for emergency ambulance adherence by car ambulance, on public roads. This is a historical research, with temporal delimitation from 1902 to 1906, due to the insertion of the artifact in Brazil from the administration of Francisco Pereira Passos as mayor of the federal capital. For analysis we adopted the concepts of Bourdieu (1998) as: habitus a hexis corporal. The documentary mass came from searches for images on the website of the National Digital-Hemeroteca Library, with the terms “ambulance” and “ambulance car” (1902-1906), as well as visitation to the collections in the city of Rio de Janeiro. Therefore, criteria were applied such as exclusion of repeated photos and news with exclusively written content, and inclusion of photographs that presented automotive ambulances with professionals. The analysis was performed by the photographic matrix (PORTO, 2007), with subsequent data triangulation. The study is supported by Law no. 9.610 / 1998 in chapters III and IV and by Dictum n°. 510/2016. As results we obtained the documental corpus of 04 images, after application of the criteria. The findings point to the emergence of a modern patient transport service from 1904 with the commissioning of ambulance cars by the Rio de Janeiro Trade Employees Association, inaugurated in 1905. The presence of symbolic elements in the ambulance car propagated the visibility intended by the Association in a time of economic crisis in the city. The new culture implanted originated a behavioral change of society, imprinting new habitus through modified customs and behaviors understood as reconfiguration. The need to persuade the population due to an interconnected assistance to materials and medicines led to the adoption of dramaturgical measures for the use of this new artifact. Publications of images of care for the injured in public places offered credibility and prestige to the actions, giving a symbolic capital from the cultural, economic and social representations that this artifact imposed on society.

Keywords: Nursing; Nursing history; Ambulance; Culture.

CAMPOS, THATIANA ARRUDA FERREIRA. **CAPITAL DE AMBULANCIA EN AUTOMÓVIL: RECONFIGURACIÓN DE HÁBITUS EN EL DISTRITO FEDERAL (1902-1906)**, 2020. 86f. Disertación (Máster). Programa de Postgrado Master de Enfermería, Universidad Federal del Estado de Río de Janeiro, Río de Janeiro, Brasil, 2020.

RESUMEM

El primer automóvil de ambulancia, que llegó a la ciudad de Río de Janeiro, modelo adaptado de París, en 1904 bajo la administración del alcalde Francisco Pereira Passos, comienza el transporte de pacientes desde las carreteras públicas o desde los hogares a los hospitales. El objetivo es describir analíticamente la inserción del automóvil de ambulancia para la reconfiguración de hábitos en la atención de emergencia en vías públicas, desde 1902 hasta 1906, y discutir las estrategias descritas para la adherencia de ambulancia de emergencia por ambulancia de automóvil, en vías públicas. Esta es una investigación histórica, con delimitación temporal de 1902 a 1906, debido a la inserción del artefacto en Brasil por parte de la administración de Francisco Pereira Passos como alcalde de la capital federal. Para el análisis adoptamos los conceptos de Bourdieu (1998) como: *habitus* a *hexis* corporal. La misa documental provino de búsquedas de imágenes en el sitio web de la Biblioteca Nacional Digital-Hemeroteca, con los términos "ambulancia" y "ambulancia" (1902-1906), así como visitas a las colecciones en la ciudad de Río de Janeiro. Para tanto, se aplicaron criterios como la exclusión de fotos y noticias repetidas con contenido exclusivamente escrito, y la inclusión de fotografías que presentaban ambulancias automotrices con profesionales. El análisis fue realizado por la matriz fotográfica (PORTO, 2007), con posterior triangulación de datos. El estudio está respaldado por la Ley no. 9.610 / 1998 en los Capítulos III y IV y por la Resolución n° 510/2016. Como resultado obtuvimos el corpus documental de 04 imágenes, después de la aplicación de los criterios. Los hallazgos apuntan a la aparición de un servicio moderno de transporte de pacientes a partir de 1904 con la puesta en marcha de automóviles de ambulancia por la Asociación de Empleados de Comercio de Río de Janeiro, inaugurada en 1905. La presencia de elementos simbólicos en el automóvil de ambulancia propagó el visibilidad prevista por la Asociación en un momento de crisis económica en la ciudad. La nueva cultura implantada originó un cambio de comportamiento de la sociedad, imprimiendo un nuevo *habitus* a través de costumbres modificadas y comportamientos entendidos como reconfiguración. La necesidad de persuadir a la población debido a una asistencia interconectada a materiales y medicamentos llevó a la adopción de medidas dramáticas para el uso de este nuevo artefacto. Las publicaciones de imágenes de atención a los heridos en lugares públicos ofrecieron credibilidad y prestigio a las acciones, dando un capital simbólico de las representaciones culturales, económicas y sociales que este artefacto impuso a la sociedad.

Descriptor: Enfermería; Historia de enfermería; Ambulancia; Cultura.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

COREN-RJ	Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
AECRJ	Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro
Nº	Número
LACUIDEN	Laboratório de História do Cuidado e Imagem em Enfermagem
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
CNS	Conselho Nacional de Saúde
MS	Ministério da Saúde
CHS	Ciências Humanas e Sociais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
SP	São Paulo
APERJ	Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro
MIS	Museu da Imagem e do Som
IMS	Instituto Moreira Sales
AGCRJ	Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro
PGM	Procuradoria Geral do Município
CBMERJ	Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro
IAPs	Institutos de Aposentadorias e Pensões
CAP	Caixa de Aposentadorias e Pensões

SUMÁRIO DE QUADROS

Quadro Demonstrativo nº 1 – Matriz de Análise Fotográfica Adaptada	29
Quadro Demonstrativo nº 2 – Matriz de Análise para Registros Noticiosos.....	32
Quadro Demonstrativo nº 3: Periódico selecionado Revista da Semana e sua respectiva linha editorial.....	43
Quadro Demonstrativo nº 4: Periódico selecionado Revista Brazil-Médico e sua respectiva linha editorial.....	44

SUMÁRIO DE FLUXOGRAMAS

Fluxograma nº 01: Traçado da operação metodológica do estudo.....	45
---	----

SUMÁRIO DE MOSAICOS

Mosaico nº 1: Estratégias para adesão ao Automóvel ambulância.....	70
--	----

LISTA DE FIGURAS

Ilustrativos: identificados com letras

Figura A: Cortiço no Rio de Janeiro.....	50
Figura B: Fachada Policlínica de Botafogo.....	53
Figura C: Ambulância da Policlínica de Botafogo.....	53

Selecionados para o estudo: identificados por números

Figura nº 1: Automóvel Ambulância.....	61
Figura nº 2: Chegada da Ambulância.....	70
Figura nº 3: Pronto Socorro.....	70
Figura nº 4: Atendimento prestado ao ferido.....	70

SUMÁRIO

SEÇÃO I- CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
1.1 Motivação e Problematização.....	15
1.2 Objeto do Estudo.....	20
1.3 Objetivos	21
1.4 Justificativa e Relevância.....	21
SEÇÃO II- ASPECTOS METODOLÓGICOS E TEÓRICOS	23
2.1 Tipo de Estudo.....	23
2.2 Delimitações.....	27
2.3 Fontes.....	27
2.4 Locais de Busca.....	27
2.5 Critérios.....	28
2.6 Procedimentos de Análise (Matriz e Triangulação).....	28
2.7 Noções de Base.....	33
2.8 Momento Ético.....	36
SEÇÃO III- RESULTADOS	38
3.1 Introdução.....	38
3.2 Resultados das Buscas.....	38
3.2.1 Adolpho Possollo e suas publicações.....	39
3.2.2 Ataulfo Nápoles de Paiva e sua obra.....	41
3.3 Resultados dos Registros Noticiosos.....	42
3.3.1 Revista da Semana – Edição Semanal Ilustrada do Jornal do Brasil.....	43
3.3.2 Revista Brazil-Médico – Revista Semanal de Medicina e Cirurgia (RJ).....	43
3.4 Organização do Estudo.....	44
SEÇÃO IV- AMBULÂNCIAS DE PEREIRA PASSOS	46
4.1 Introdução.....	46
4.2 Rio Antigo.....	46
4.3 Rio de Janeiro: Distrito Federal.....	47
4.4 Metas de Governo.....	51
4.5 Chegada do Automóvel Ambulância.....	55
4.5.1 Contexto Parisiense.....	55
4.5.2 Contexto Brasileiro.....	57
4.6 Síntese da Seção.....	64
SEÇÃO V- AUTOMÓVEL AMBULÂNCIA: O OLHAR DAS MÍDIAS IMPRESSAS	65
5.1 Introdução.....	65
5.2 Aspectos estruturais: a tecnologia para urgências.....	65
5.3 Lente fotográfica para difundir o automóvel ambulância.....	70
5.4 Síntese da Seção.....	79
SEÇÃO VI- CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICE A - Solicitação de reprodução de cópias no Arquivo Geral da Cidade do Rio	

de Janeiro.....	94
APÊNDICE B - Termo de Autorização para uso de imagem do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.....	95
APÊNDICE C - Declaração de comparecimento fornecida pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.....	96
APÊNDICE D - Carta de Solicitação de consulta ao acervo do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro.....	97
APÊNDICE E - Maquete do Automóvel Ambulância, acervo do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro.....	98

SEÇÃO I

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 - Motivação e Problematização

Esta pesquisa emergiu de inquietações oriundas da minha prática profissional como enfermeira fiscal¹ do Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro – Coren-RJ, ao fiscalizar profissionais de enfermagem na assistência pré-hospitalar. Esta se realiza fora do âmbito hospitalar.

O atendimento pode ser realizado por intermédio de diversos meios e métodos disponíveis, que varia desde uma orientação de como se deve proceder, ao envio de uma equipe de socorro ao local da ocorrência (LOPES & FERNANDES, 1999). Logo, a assistência pré-hospitalar tem por objetivo manter a vida e/ou minimizar as sequelas resultantes de um acidente ou agravo à saúde.

Durante meu exercício profissional participei da organização do processo de trabalho frente às fiscalizações em diversos eventos na cidade do Rio de Janeiro, sejam esportivos como a Copa do Mundo FIFA 2014, musicais como o *ROCK IN RIO* 2015 e Olimpíadas RIO 2016.

Em sua maioria, os locais disponíveis para atendimento ao público eram unidades móveis (ambulâncias). A inspeção fiscal visava à verificação de equipamentos, materiais, profissionais atuantes e a dinâmica de atendimento que podia resultar no transporte para o hospital. Ao final, era emitida uma notificação para adequações das irregularidades encontradas.

No entanto, certas dificuldades ocorriam para as conformidades e transporte de pacientes, fazendo com que a atividade de fiscalização fosse constante. Em virtude dessas não conformidades, questionamentos surgiram de como era o funcionamento das ambulâncias no Rio de Janeiro em tempos idos, o que me impulsionou a pesquisar a temática de emergência com foco nas ambulâncias. Este contato proporcionou o surgimento de

¹ Resolução Cofen nº 619/2019 normatiza o funcionamento do Sistema de Fiscalização do Exercício Profissional da Enfermagem (COFEN / COREN) e dá outras providências (BRASIL, 2011).

questionamentos sobre a origem deste tipo de transporte, circunstâncias de sua inserção no Brasil e no Rio de Janeiro.

Então, ao dar início a leitura sobre o século XVII, descobri que a construção do primeiro veículo movido a vapor ocorreu por volta de 1672, por um membro de uma missão Jesuíta na China como forma de um brinquedo para o Imperador. Este era de escala pequena, que não podia levar um motorista, mas foi, possivelmente, o primeiro veículo a vapor de trabalho ('auto-móvel') (HERGÉ, 2003).

Ao final do século XVIII, diversos veículos móveis autopropulsados à vapor eram grandes o suficiente para transportar pessoas e cargas. O francês *Nicolas-Joseph Cugnot* demonstrou sua *fardier à vapeur* ("carroça a vapor"). Tratava-se de um trator de artilharia movido a vapor experimental (1770 – 1771), intitulado de projeto de *Cugnot, que* provou ser impraticável (MANWARING, 1966).

As ambulâncias surgem, em Paris, a partir de um projeto do médico *Dominique Jean Larrey* (1766–1842), considerado “Pai da Medicina Militar” em 1792. Como cirurgião do exército napoleônico, identificou a necessidade de resgatar os feridos não apenas após o término do conflito, mas ainda durante a batalha. *Larrey*, necessitando estabelecer atendimento imediato, projetou unidades de transporte de feridos, que batizou como “ambulâncias voadoras”, pois tinham como características serem leves e velozes (TAKEDA, 2002).

Ele se preocupava com o conforto e bem-estar dos feridos durante o transporte. A denominação “ambulâncias voadoras” teve por entendimento da palavra na língua francesa *ambulance*, com significado de hospital que segue as tropas, chamadas, ambulâncias volantes (TAKEDA, 2002).

O termo "ambulância" vem da palavra latina "ambulare", que significa "movimentar". Ao se visitar os impressos à época como o *Diccionario da Lingua Portuguesa (1823)*², descobriu-se que o termo empregado ambulância não era descrito nem sua definição. Até à Segunda Guerra Mundial, a palavra era também usada para designar os postos de socorro militares de campanha.

² Para saber mais, acesse: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242523> Acesso em 09 nov 2019.

A composição do transporte, a ventilação e o acondicionamento dos instrumentos a serem utilizados no cuidado são elementos que influenciam para o atendimento dos primeiros socorros durante o transporte (SILVA et al, 2010).

A Revolução Industrial teve início no século XVIII, na Inglaterra, com a mecanização dos sistemas de produção. Enquanto na Idade Média o artesanato era a forma de produção mais utilizada, na Idade Moderna tudo mudou. A burguesia industrial, ávida por maiores lucros, menores custos e produção acelerada, buscou alternativas para melhorar e aumentar a produção de mercadorias. Também podemos apontar o crescimento populacional, na Inglaterra e em outros países europeus, como outra razão para o aumento da demanda de produtos e mercadorias (IGLESIAS, 1987).

O século XVIII foi marcado pelo grande salto tecnológico nos transportes e máquinas. As máquinas a vapor, principalmente os gigantes teares, revolucionaram o modo de produzir. Se por um lado a máquina substituiu o homem, gerando milhares de desempregados, por outro, baixou o preço de mercadorias e acelerou o ritmo de produção (CANEDO, 1994).

Cabe informar que a França era um país, que possuía um governo absolutista. O rei governava com poderes absolutos, controlando a economia, a justiça, os serviços de saúde, a política e até mesmo a religião dos súditos. Havia falta de democracia, pois os trabalhadores não podiam votar e nem mesmo dar opiniões na forma de governo (GRESPLAN, 2003).

Nessa época, as fábricas não apresentavam o melhor dos ambientes de trabalho. As condições eram precárias. Eram ambientes com péssima iluminação, abafados e sujos. Os salários recebidos pelos trabalhadores eram muito baixos, a carga horária excessiva e sem direitos trabalhistas. Os fatores expostos nos levam a pensar em possíveis acometimentos à saúde do trabalhador, justificando a necessidade de um meio de transporte que auxiliasse esse trabalhador doente (GRESPLAN, 2003).

No Brasil, o primeiro automóvel a desembarcar ocorreu em 1891, quando o navio de luxo veio de Portugal, procedente da Europa, atracou no porto de Santos. O modelo foi trazido por Alberto Santos Dumont³ (1873 -1932) que retornava de viagem com a família. O

³ Nascido em Minas Gerais, o brasileiro foi um cientista, inventor, esportista e aeronauta que teve a oportunidade de ser um dos inventores do avião. Criou o primeiro avião 14 – Bis e, em 13 de setembro de 1906 conseguiu voar sobre Paris. Após, longos períodos de depressão, o aeronauta se suicidou em 1932 em São Paulo. Para saber mais, acesse: <https://biografiaresumida.com.br/biografia-santos-dumont/> Acesso em 06 jan 2019.

mesmo era equipado com motor Daimler, movido à gasolina, de dois cilindros em V e 3,5 cavalo de vapor de potência máxima (Portal do Trânsito Brasileiro, 1998).

O aeronauta de fama reconhecida, internacionalmente, criador do transporte aéreo, trouxe o terrestre para o Brasil, sendo ele de modelo fabricado na Europa. Ele apresentava fortes indícios de ser um modelo francês, considerando que, em 1891, a família conheceu Paris. Logo, desembarcou no Brasil.

Dois anos após (1893) foi aprovada a lei intitulada “O socorro médico de urgência em via pública” que previa assegurar atendimento às vítimas de traumas e males súbitos cuja natureza fosse incompatível com o tratamento domiciliar. No entanto, a ausência de recursos financeiros à época impossibilitou a implantação do projeto (PAIVA, 2007).

Cabe destacar que o período tumultuado adveio com a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. O Império⁴ fora duramente golpeado com a Abolição da Escravatura⁵ (1888), iniciativa exigida, sobretudo, pelo capital inglês. Outros fatores contribuíram para tanto, como a influência do republicanismo francês e a opção gradual da elite cafeeira pelo uso da mão-de-obra assalariada. (JR, PINHEIRO, 2006).

Em 1895, a capital da República⁶ recebeu automóveis trazidos por José do Patrocínio, fato que propiciou mudança de cenários nas ruas da cidade, surpreendendo a população. Em 1897, se teve o registro de um acidente automobilístico, tendo como vítimas José do Patrocínio e Olavo Bilac na direção, ao chocar-se contra uma árvore, sem graves danos a saúde de ambos (MELO, 2008).

Nessa época, o crescimento da população na capital federal ocorria em virtude do crescimento de europeus na capital federal, vislumbrando melhores condições de vida. No entanto, o aumento demográfico resultou na crise habitacional, traço constante na vida urbana da capital desde meados do século XIX, não havendo moradias para todos, bem como os baixos salários, devido à oferta de mão de obra e, aumento da pobreza carioca (SILVA, 2018).

⁴ Período teve início em 1822, com a proclamação da Independência, e durou até 1889, quando foi instaurada a República. Para saber mais, acesse: <http://legado.brasil.gov.br/noticias/cultura/2009/11/imperio/> / Acesso em 10 out 2019.

⁵ Data da assinatura da Lei Áurea, o 13 de Maio é comemorado como o Dia da Abolição. Sendo comum conferir à Princesa Isabel a responsabilidade quase total pelo evento. Entretanto, a abolição da escravatura ocorreu gradualmente, com suas discussões se desenrolando ao longo de todo o período imperial. Coube a libertação dos escravos e, pouca preocupação com a concessão de direitos. Para saber mais, acesse: <https://www.politize.com.br/abolicao-da-escravatura-brasileira/> Acesso em 12 out 2019.

⁶ A cidade do Rio de Janeiro, à época estudada, será denominada na pesquisa como Distrito Federal, capital federal e capital do Brasil ou da República, sendo o mesmo espaço geopolítico.

Logo, sem dinheiro e local para morar a população se aglomerou nos cortiços da área central da capital federal, ambiente que contribuiu para a eclosão de violentas epidemias de febre amarela, varíola e peste bubônica (SILVA, 2018).

Além desse ambiente insalubre que era o Rio de Janeiro no início do século XX, a cidade possuía o aspecto de colônia, sem uma arquitetura definida, sem sistemas de água e esgoto. Em outras palavras, era feia em sua organização, propiciava péssimas condições de higiene acarretando o surgimento de doenças. Tudo isso prejudicava a economia brasileira de exportação do café. Por conseguinte, o prefeito Pereira Passos⁷ adotou medidas urbanas severas, visto a cidade ser reconhecida internacionalmente como insalubre, fedorenta e cemitério de europeus (SILVA, 2018).

O prefeito do Rio de Janeiro colocou abaixo a velha cidade e sobre os escombros, construiu uma bela cidade tendo como parâmetro Paris. Quanto às medidas sanitárias, cita-se a instalação de banheiros públicos, a vacinação contra varíola, o comércio de ratos para conter a peste bubônica e o fumacê para matar o mosquito *Aedes Aegypti* causador da febre amarela. Logo, tais ações mostram que a gestão de Pereira Passos se guiou para a civilização da cidade no que tange a modernização e o embelezamento (SILVA, 2018).

Nesse contexto surgiu o primeiro automóvel-ambulância, vindo à cidade do Rio de Janeiro, modelo adaptado pela municipalidade de Paris (1904) na gestão do Prefeito Francisco Pereira Passos, quando o mesmo encomendou da Europa ambulâncias para iniciar o transporte de paciente de vias públicas ou domicílios para hospitais. Com este acontecimento, o Rio de Janeiro, marcou o início dos serviços de atendimentos móveis de urgência (COEHN & GORBERG, 2009). O prefeito Pereira Passos fazia questão de trazer os costumes de Paris para a capital federal e, proporcionar as mudanças de *habitus* na população.

Em 1907, o médico Adolpho Possollo elaborou o relatório “Uma Viagem à Europa” a respeito de suas impressões frente a uma viagem a Europa em 1904 para conhecimento do funcionamento dos serviços de remoção em Paris, Berlim e América do Norte no que tange o manejo e manuseio do ferido durante esse transporte (POSSOLLO, 1907).

⁷ Engenheiro que viu emergir a civilização Parisiense em 1860, se especializando em dois grandes cenários e que seriam fundamentais na sua formação profissional: a engenharia ferroviária e o urbanismo (PINHEIRO & FIALHO JR, 2006). Anos mais tarde, ao retornar ao Brasil, Francisco Pereira Passos foi eleito pelo então presidente Rodrigues Alves a assumir a prefeitura da capital do Brasil em 30 de dezembro de 1902 a 15 de novembro de 1906. Durante sua gestão conduziu a mais importante ação de reforma implementada no tecido urbano do Rio de Janeiro (SANTOS & MO TTA, 2003).

Passados três anos, o mesmo médico, chefe do serviço de cirurgia do Ambulatório Rivadavia Corrêa, da Colônia do Engenho de Dentro e cirurgião efetivo da Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro⁸ (AECRJ) produziu uma publicação na Revista “BRAZIL-MEDICO” referente ao “Transporte de Doentes, Principalmente Feridos”, texto comunicado no 3º Congresso Científico Latino Americano, ocorrido no Rio de Janeiro em 1905.

O deslocamento da evidência histórica se dá do olho para o pensamento, da visão para a reflexão, do visível para o não visível. Essa reformulação associa-se à consolidação, na oficina da história, do princípio hipotético dedutivo, ou seja, se no século XIX, o princípio era o documento, na contemporaneidade, o princípio é o problema (CARODOS & VAINFAS, 2012).

Destarte, em virtude da relevância da inserção das ambulâncias na capital federal na gestão de Pereira Passos, contribuindo no processo de modernização urbana no campo da saúde, procederam-se buscas em arquivos e bases de dados para compreender as circunstâncias de inserção das ambulâncias como configuração de *habitus* da sociedade. Assim, em razão dessa viabilidade de lacuna na história sobre as estratégias traçadas para a implementação da cultura do cuidado em atendimento de urgência em vias públicas, propõe-se esta pesquisa.

1.2 - Objeto de Estudo

Assim, o objeto de pesquisa é a reconfiguração do *habitus* no socorro em urgência em vias públicas, por meio de automóvel ambulância, no Distrito Federal.

⁸ A Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro (AECRJ) foi criada em 1881 pelo negociante Victorino José de Carvalho e pelo caixeiro Antônio Mathias Pinto Júnior, tornando-se, portanto, uma organização interclassista, e considerada a mais antiga associação da classe comercial. Nos primórdios de sua criação, a AECRJ preocupava-se com o fechamento das portas mas, posteriormente, destacou-se pela sua beneficência. Em 1883, a associação contava com 2.053 sócios e, em 1912, a AECRJ possuía 13.748 membros. A entidade era eficiente na assistência social e beneficência aos sócios necessitados. Os médicos e advogados, sócios da AECRJ, eram quem prestavam os serviços de atendimento aos caixeiros. Esses serviços prestados aliados à biblioteca, segundo alguns membros da associação, eram os únicos benefícios dos quais usufruíam uma vez que a maior das suas expectativas ainda não tinha sido alcançada, a lei da regulamentação da carga horária de trabalho. Apesar de muitos dos seus associados terem sido políticos ou pessoas influentes, a diretoria era composta pela classe patronal (POPINIGIS, 1999). Constituída por ilimitado número de associados, sem distinção de classe social, raça, sexo, nacionalidade, cor, crença religiosa ou profissão; possui a missão de "Trabalhar para o amparo, recreação e defesa dos indivíduos desprovidos dos meios basilares de subsistência, de maneira a cooperar com o Poder Público na promoção da dignidade da pessoa humana e prestar aos associados e à comunidade desvalida assistência social, educacional, recreativa, esportiva, jurídica e de saúde". Para saber mais, acesse: <https://www.aecrj.org.br/a-aecrj> Acesso 05 jul 2019.

1.3 - Objetivos

Mediante ao exposto, definiu-se os seguintes objetivos:

- Descrever, analiticamente, a inserção do automóvel ambulância, por meio de imagens, como reconfiguração do *habitus*, no atendimento de urgência em vias públicas;
- Discutir as estratégias para adesão ao socorro em urgências, por meio do automóvel ambulância, em vias públicas no Distrito Federal.

1.4 - Justificativa e Relevância

Esse estudo encontra-se inserido no projeto de pesquisa intitulado “História do Cuidado nos aspectos micro e macromoleculares: práticas, saberes e instituições” inscrito no Departamento de Pesquisa da Pró-Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. As pesquisas desenvolvidas até o momento pelo projeto descrito não se baseavam em análise e discussão das imagens no que tange a inserção do automóvel ambulância para a reconfiguração do *habitus*, no atendimento de urgência em vias públicas (1902-1906) tão pouco elucidaram as estratégias traçadas para a adesão do cuidado em urgências por meio de automóvel ambulância, em vias públicas.

Ao pesquisar a inserção do automóvel ambulância, em vias públicas no período delimitado, abordou-se a influência dos governos à época, por meio de análise de imagens, para a cultura à saúde.

Ao mergulhar na história do transporte automóvel ambulância, por mais que se tenham disponíveis, atualmente, inúmeros estudos a respeito de serviço de atendimento móvel de urgência, o assunto torna-se limitado, quando a lente da pesquisa se direciona para a perspectiva histórica e sua inserção na cidade do Rio de Janeiro. Um exemplo foi à ausência de estudos sobre a reconfiguração do *habitus*, no atendimento de urgência em vias públicas, de 1902 a 1906 e a adesão pela população a esse novo tipo de transporte.

Por isso, a presente pesquisa, ao corroborar com o fato exposto, contribuirá para a investigação sobre as ambulâncias do início do século XX, possibilitando completar as lacunas sobre a historicidade dessa temática na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, a proposta metodológica traz a discussão referente às estratégias para a adesão do cuidado em urgências, por meio de automóvel ambulância, em vias públicas na capital federal através das

imagens veiculadas nas fontes bibliográficas. O estudo permitirá nova versão e interpretação sobre a utilização das ambulâncias no domínio da cultura visual.

Assim, a investigação tem a proposta de fortalecer as pesquisas que utilizam imagens e periódicos, instaurando essas fontes como documentação promissora de modo a incentivar pesquisadores afins a este tipo de estudo, que será detalhado na metodologia.

À luz do ensino, o estudo propõe demonstrar como a análise de fontes históricas nos permite refletir de maneira diferenciada sobre determinado acontecimento, revelando possíveis articulações, efeitos e novas perspectivas. Logo, desenvolve uma aprendizagem crítica sobre o assunto com o objeto de estudo, contribuindo com informações para as disciplinas que discursam sobre assistência em Emergência e Urgência.

Ademais, o conhecimento produzido por esta pesquisa servirá de base para um novo entendimento da realidade político-cultural-sanitária, no que se refere à saúde pública da cidade do Rio de Janeiro, haja vista a aproximação dos fatos passados e presentes, quando o olhar se direciona aos problemas do serviço de atendimento móvel de urgência.

SEÇÃO II

ASPECTOS METODOLÓGICOS E TEÓRICOS

2.1 - Tipo do Estudo

Trata-se de um método histórico no domínio da História da Cultura Visual. Para Mirzoeff (2003, p.20),

“não se trata de uma história das imagens, nem depende das imagens em si mesmas, mas sim dessa tendência de plasmar a vida em imagens ou visualizar a existência, pois o visual é um lugar sempre desafiante de interação social e definição em termos de classe, gênero, identidade sexual e racial”.

Pela obra de Ricardo Campos (2013), a cultura visual trata a visualidade, indo muito além de mera produção e consumo de imagens seja, técnica ou artesanal, envolvendo os distintos modos através dos quais os indivíduos olham para a realidade e a retratam visualmente.

De acordo com Cardoso e Vainfas (2012) a ligação entre a imagem e a história se dá a partir do estatuto técnico das fotografias e seus sentidos de autenticidade e prova, que as transformam em testemunhas oculares de fatos. A evidência histórica e a imagem são constituídas por investimentos de sentido, e a fotografia pode ser um indício para se produzir uma história; ou ícone, texto ou monumento para (re) apresentar o passado.

De acordo com Lisovsky (2010) uma história que se baseia em imagens é, sobretudo, uma história do futuro. Todo ‘achado’ em uma imagem de arquivo é um olhar correspondido que atravessa as eras, o reencontro de um destino que o passado sonhara.

A partir da obra “Novos Domínios da História” pode-se observar a fotografia, simultaneamente, como imagem/documento e imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como a marca de uma materialidade passada, que nos informa sobre determinados aspectos desse passado, como condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, ela figura como símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Como documento e monumento, a fotografia informa e também conforma visões de mundo (LE GOFF, 1985).

Os autores da obra citada no parágrafo anterior corroboram com as assertivas de que as fotografias revelam suas transformações no curso da experiência histórica contemporânea e obriga considerar: qual o problema que essa fonte busca resolver. Para a qual somente elas teriam a resposta, desencadeando uma pluralidade de sentidos. Destaca-se que a valoração cultural da experiência sensível em relação ao mundo interfere de forma direta na maneira como as fotografias são compreendidas, seja como fonte, seja como objeto dos estudos históricos.

No século XIX e boa parte do XX, a compreensão da prática fotográfica e seus resultados se deslocaram da natureza para a sociedade. Se no século XIX a fotografia era considerada uma extensão da natureza, uma escrita da luz, a crítica do século XX vai trazer sua fatura para dentro da experiência cultural e social. As imagens técnicas, entre elas, o cinema e a fotografia, romperam com o valor cultural do objeto artístico e, conseqüentemente, com sua aura, na medida em que os aproximava do público por intermédio de sua reprodutibilidade (ROUILLÉ, 2009).

A fotografia como documento histórico ganha relevo na “revolução documental”, uma nova concepção do documento e da crítica que deve ser feita na História Nova, ampliando o campo do documento histórico. Até então, a história, essencialmente, se baseava nos documentos escritos. Neste sentido, os estudos históricos passaram a considerar uma multiplicidade de documentos, entre eles a fotografia (LE GOFF, 1998).

A função crítica da fotografia seria a de desmágicizar a imagem ao valorizar a consciência histórica, que havia sido diluída pela profusão das imagens naturalizadas. Já do ponto de vista da História, o pensamento de Flusser (2002) é fundamental, tanto por historicizar os processos de alienação e reificação da imagem fotográfica no mundo pós-industrial, como por aportar um conjunto de conceitos e categorias a um campo geralmente limitado a abordagens descritivas dos processos e procedimentos técnicos. A magia da técnica e seus efeitos são históricos e merecem crítica que venha desse campo de estudos.

Cardoso e Vainfas (2012) definem dois tipos de fotografia: retratos e paisagens. Os retratos fotográficos atualizam a tradição dos pintados a óleo, das miniaturas em porcelana, dos camafeus e outros adornos e relíquias. O retrato fotográfico revelou-se um sucesso pelo novo ordenamento da sociedade ocidental, com expressão no indivíduo, na família nuclear e dos mecanismos de autorrepresentação das camadas burguesas em ascensão.

Envolveu oficinas fotográficas, por meio de diferentes modalidades de impressão, acondicionamento e distribuição das imagens. É interessante notar que o universo temático dos retratos fotográficos oitocentistas definiram estratégias de construção das identidades e alteridades sociais. No que tange a identidade de classe, o retrato fotográfico burguês moldou a face das camadas médias endinheiradas, à semelhança dos códigos pictóricos de representação da aristocracia, atualizando seu modo de vida por meio de um dispositivo de representação moderno – a câmera fotográfica (CARDOSO & VAINFAS, 2012).

Essa prática articulava um universo de signos de distinção que os retratados reconheciam como próprio de um novo tempo: indumentária, estética facial, pose e adereços para a *mise-en-scène* do retrato, serviram de elementos de reconhecimento da emergência de um novo código de comportamento, tipicamente burguês (CARDOSO & VAINFAS, 2012).

As paisagens foram outra modalidade de fotografia que se produziu em larga escala no século XIX. Produzidas por fotógrafos, que poderiam ser também retratistas, as fotografias de paisagens incluíram uma gama variada de temas e lugares, que visavam consolidar o comércio de vistas e estampas, bastante concorrido na economia visual oitocentista (Flusser, 2002).

A demanda por esse tipo de imagem pode ser inserida no mesmo movimento do retrato fotográfico, de ampliação e consolidação dos códigos de comportamento burgueses. Associavam-se, portanto, às viagens de turismo, aos deslocamentos profissionais, a vivência do bucólico e a reificação do cotidiano por parte dos indivíduos abastados e suas famílias se prestavam a construir representações de domínios imperiais e conquistas empresariais, por parte dos aparatos de poder do estado e da economia (CARDOSO & VAINFAS, 2012).

No Brasil, a produção de fotografias de paisagem, contou com o apoio do Imperador D. Pedro II, sendo ele próprio um fotógrafo amador, que não somente incentivou a arte fotográfica por meio de premiações e honrarias oferecidas aos fotógrafos, como também contratou fotógrafos para registrar tanto a ação das comissões imperiais de obras e melhoramentos. No início do século XX, o fotógrafo Augusto Malta desempenhava essa atividade relevante no governo de Francisco Pereira Passos, perpetuando a cultura de registrar ações e o embelezamento do Distrito Federal.

Cabe referenciar que as fotografias visam tematizar questões sociais, raciais, econômicas, resultando em produtos fotográficos diversos, sem condições de generalizar ou

impor que determinado produto seja unânime, justificado pela cultura visual imposta naquela imagem, o período e sociedade a quem se destina. Muitos registros fotográficos se complementavam através de dados visuais, com intuito de definir condições culturais, sociais, policiais, médicas e dentre outras.

Assim, os produtos fotográficos redefiniram as formas de acesso aos acontecimentos históricos e sua inscrição na memória pública, a ponto de podermos contar a história do século XX pelas suas imagens. Ao mesmo tempo, a produção de imagens fotográficas, voltadas para o registro de processos, situações e sujeitos históricos contribui, significativamente, para a configuração dos sentidos atribuídos ao espaço público na contemporaneidade (CARDOSO & VAINFAS, 2012).

Portanto, não podemos deixar de expressar que uma fotografia adquire valor histórico, tanto pela sua capacidade de responder às demandas visuais do circuito social (produção, circulação, consumo e agenciamento) organizados por diferentes instâncias da cena pública (imprensa, mercado, Estado, movimento social etc.), quanto pelos recursos técnicos e estéticos utilizados para esse trabalho / processo.

Para Mauad-Andrade (2016) a fotografia, também, é um signo não-verbal, um artefato histórico produzido pelo homem e que possui existência autônoma quer seja como relíquia, lembranças ou quaisquer outras denominações possíveis nessa lógica. A foto pode ser entendida como uma mensagem que transmite significados relativos à própria composição da fotografia (NASCIMENTO, 2013)

Por fim, as imagens visuais, como documentos/monumentos, permitem-nos conhecer por ângulos poucos habituais à trama das relações sociais e experiências passadas, elucidando no presente sua alteridade. A produção, o produto, o agenciamento e a recepção das imagens são aspectos que orientam de forma ampla a análise histórica de fotografias, de forma a variar com a problematização proposta pela pesquisa.

O desenvolvimento industrial propiciou materiais cada vez mais potentes para o registro fotográfico, tornando dinâmico o processo, com produção de imagens instantâneas seja impressa ou não, em papel ou não, sobretudo as delimitações sociais, a interpretação da cena, o momento político da época do registro, a pretensão do sujeito fotógrafo na realização desse processo influenciam na descrição e análise da imagem (CARDOSO & VAINFAS, 2012).

2.2 - Delimitações

A delimitação temporal do estudo ocorreu entre os anos de 1902 e 1906, em virtude da inserção do automóvel-ambulância no Brasil a partir da gestão de Francisco Pereira Passos (1902 a 1906) como prefeito da capital federal na Presidência de Rodrigues Alves.

Outra delimitação adotada no estudo é a espacial. Esta foi no Distrito Federal, por ser entendida como o palco central das decisões para o Brasil, bem como vitrine cultural e social, que merecia ser reconfigurada na delimitação temporal proposta através da modernização e embelezamento da cidade.

2.3 - Fontes

As fontes históricas principais utilizadas para o estudo foram imagens ou figuras, entendidas como *fac-símiles* por meio das cópias dos originais. Logo, elas são reproduções fotomecânicas ou digitais (FONSECA & PORTO, 2010) compostas de significados e valores atribuídos.

As imagens utilizadas no estudo partiram da obra intitulada “Assistência Pública e Privada no Rio de Janeiro: história e estatística: comemoração do Centenário da Independência Nacional”⁹ (Brasil) de autoria de Ataulfo Napoles de Paiva¹⁰ datado de 1922 e da Revista Brazil-Medico de 1907, intitulada “Transporte de Doentes principalmente Feridos” de Adolpho Possollo. Embora tais obras estejam fora do recorte temporal, constituem material de base referenciado para o período escolhido. Elas foram articuladas a documentos escritos e literatura de aderência.

2.4 - Locais de Busca

A busca das fontes documentais ocorreu em acervos pessoais do orientador e de forma digital, consultando os *sites* da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital e do Corpo de Bombeiros Militares do Estado do Rio de Janeiro.

⁹ Encontra-se nas dependências da Biblioteca Setorial da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto em sua materialidade e disponível na Plataforma SOPHIA da UNIRIO, como Coleção Memórias da Enfermagem.

¹⁰ A obra de Ataulfo de Paiva possui sua importância ao estudo por se tratar de registros de tempos anteriores à década de sua publicação. Ela é o documento “síntese” das instituições de saúde no Rio de Janeiro.

Pelo importante trabalho desenvolvido no período estudado, procederam-se buscas no Portal Augusto Malta, acervo de fotografias que retratava principalmente a gestão do prefeito Pereira Passos, e seu processo de reurbanização.

A busca presencial foi necessária para aumentar a massa documental sobre a temática, sendo realizada nos seguintes locais: Consulado da França, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), Museu da República do Rio de Janeiro, Museu da Imagem e do Som campus Lapa e Praça XV, Instituto Moreira Sales (IMS) e no Arquivo Municipal da Cidade do Rio de Janeiro.

2.5 - Critérios

Selecionados os locais de busca, partiu-se para os critérios de seleção das imagens e registros noticiosos. Para imagens optou-se em selecionar aquelas que contivessem automóvel ambulância nas obras de Adolpho Possollo e Ataulfo de Paiva e, para registros noticiosos se utilizou o termo: ambulância no período proposto e, que se relacionasse com as questões de saúde da época. A pesquisa respeitou o período de circulação das revistas junto à delimitação temporal do estudo.

Como critério de exclusão adotou-se fotos repetidas e notícias com conteúdo exclusivamente escrito. Mediante aos critérios estabelecidos, realizamos a busca com as palavras-chave “ambulância” e “automóvel ambulância” (1902-1906).

2.6 - Procedimentos de Análise (Matriz e Triangulação)

Com a seleção das imagens coube submetê-las a uma matriz de análise fotográfica adaptada, inspirada na matriz elaborada por Porto (2007) em sua tese de doutoramento.

Tal matriz de análise fotográfica original foi validada em outros estudos como os de Neto, Porto e Nascimento (2013)¹¹ e segue os três seguintes passos: a primeira destina-se ao

¹¹ As dissertações descritas utilizaram a matriz de análise mencionada, a saber: “Os Ritos Institucionais e a Imagem Pública da Enfermeira Brasileira na Imprensa Ilustrada: O Poder Simbólico no Click Fotográfico (1919-1925)”. Fernando Porto, 2007. 174 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007, “A produção da crença na imagem da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no período da Primeira Guerra Mundial (1917-1918)”. Mercedes Neto, 2011. 125p, Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011 e “O Dia da Enfermeira nas páginas da Revista da Semana (1929-1930): Anna Nery e os Lucros Simbólicos”. Simone Aguiar do Nascimento, 2013. 146p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

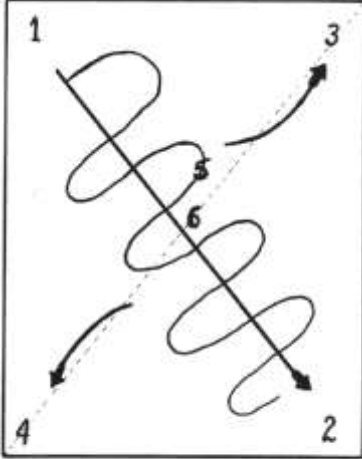
registro dos dados de identificação da imagem fotográfica no registro da imprensa ilustrada. A segunda parte da matriz refere-se ao registro dos dados do plano de expressão sendo constituído de: registro de crédito da imagem fotográfica, legenda-fotográfica, tipo da fotografia (posadas ou instantâneas/flagrante), formato da fotografia (retangular, quadrada, ovalada e outras), e o plano fotográfico.

Prosseguindo os dados de expressão – 3ª parte da matriz – constitui-se: o local retratado, fundo retratado (natural ou artificial e interno ou externo), pessoas retratadas (quem são as pessoas, se a foto é individual ou em grupo (masculino, feminino ou misto), tema da imagem retratada, descrição dos atributos pessoais (indumentárias pessoais) e descrição dos atributos de paisagem (objetos retratados).

Contudo, considerando que a matriz original destina-se a periódicos, algumas adaptações foram realizadas, conforme quadro demonstrativo a seguir.

Quadro Demonstrativo nº 1 – Matriz de Análise Fotográfica Adaptada

Matriz Original	Matriz Adaptada	Orientação para Preenchimento
IDENTIFICAÇÃO		
Local do acervo	Localização/Endereço	Preencher com nome da instituição onde coleção se encontra / Base Virtual
Nome da Revista, Jornal ou Periódico	Título	Preencher o nome da obra utilizado e autores
Ano de Publicação	Ano de Publicação	Preencher de forma numérica o ano de publicação da obra
Número do Exemplar	Número da Edição	Preencher de forma numérica a edição da obra ou “edição única”
Página em que se encontre a Imagem	Mantida	Preencher de forma numérica a página que se encontra ou informar que se encontra em lâminas entre uma e outra página
Data da Publicação do Exemplar	Suprimir esse dado	
Título ou Manchete que acompanha a fotografia	Título ou Manchete que acompanha a imagem	Preencher com título que acompanha a imagem, caso exista.
PLANO DE EXPRESSÃO		
Crédito da Imagem	Mantido de acordo com a Matriz utilizada	Autoria da produção da imagem
Relação Texto Imagem	Mantido de acordo com a Matriz utilizada	Fotorreportagem / Fotojornalismo / gravura
Legenda	Mantido de acordo com a Matriz utilizada	Texto para identificar retratos e/ou cena na imagem, sendo de texto curto e sempre editado com foto. Deve possuir entre uma e

		cinco linhas, sem parágrafo, acompanhada de título. Desenvolve um gatilho no leitor para a leitura da imagem, sem expressar determinadas informações para que o mesmo explore a imagem e seus significados.
Resumo do Texto	Mantido	Pode acompanhar a fotografia.
Tipo de foto	Mantido	Foto posada e flagrante ou instantânea ¹² .
Formato	Mantido	Tipo de desenho geométrico
Plano	Mantido	Tipos de planos fotográficos: plano geral, que retrata ambientes amplos, em exterior; plano conjunto, destinado às pessoas,
Sentido se refere à imagem em relação à página	Mantido	Sentido vertical ou horizontal em referência à página
Localização da imagem na página	Mantido	Zonas de visualização são áreas estratégicas, tendo como princípio a visão, pois se fixam no lado superior à esquerda do papel, por estarmos condicionados pela escrita ocidental. Esta tem início da esquerda para a direita, o que caracteriza o alicerce obrigatório dos olhos, influenciando decisivamente em nosso comportamento na leitura. A lógica racional para a leitura ocidental dá origem ao esquema em seis zonas de visualização.  <p>1. Zona primária 2. Zona secundária 3. Zona morta 4. Zona escura 5. Centro ótico 6. Centro geométrico</p> <p>13</p> <p>A zona primária ou principal (1) contém elementos de forte atração para chamar a atenção do leitor. Como a visão instintivamente se desloca com rapidez em diagonal para o lado inferior oposto (zona</p>

¹²A foto classificada como instantânea passou a ser utilizada em meados da década de 1920. A inovação foi introduzida Dr Erich Salomon, fotógrafo alemão, que passou a fotografar pessoas sem que elas percebessem, denominando a técnica de “o instantâneo”. A prática de foto espontânea ou foto sincera, que mais tarde passaria a ser a base do fotojornalismo, libertando a fotografia, até então restrita à foto posada, permite visualização diferenciada e dá à técnica fotográfica a função de representar a realidade (GURAN, 1999).

¹³ O esquema de zonas de visualização foi abordado na obra intitulada “Tipografia y Diagramado para periódicos”. Edmund Arnold, Estados Unidos de América: Mergenthaler Linotype Company; 1965.

		morta - 4), a rota básica da vista se projeta do lado superior esquerdo (zona morta - 3) para o lado inferior direito. (zona secundária - 2). Neste sentido, a importância do centro ótico (5) e geométrico. (6) da página necessita oferecer aspectos atrativos para que a leitura seja ordenada, com racionalidade, sem o deslocamento brutal da visão.
PLANO DE CONTEÚDO		
Local retratado	Mantido	Natural, cenário montado, interno, externo e o espaço geográfico.
Pessoas retratadas	Mantido	Grupo misto, grupo masculino, grupo feminino, grupo infantil, quantas pessoas retratadas; tema da imagem retratada
Atributos pessoais	Mantido	Vestimentas e acessórios que as pessoas ostentam
Atributos de paisagens	Mantido	Objetos, característica do cenário retratado, elementos presentes para composição da cena.
Dados Complementares obtidos de outra imagem		
Origem da informação	Mantido	
Articulações possíveis com a imagem analisada	Mantido	

Fonte: Porto (2007) com adaptações da autora.

Como se pode verificar, o eixo central da matriz se manteve, inclusive com a base conceitual do plano de expressão e do plano de conteúdo. Compreende os dados do plano de expressão, o registro de crédito da imagem fotográfica, ou seja, autor da imagem fotográfica; relação texto- imagem, onde é dito se a imagem é do tipo fotorreportagem ou fotojornalismo; legenda, caso a imagem tenha; resumo do texto, contendo os principais pontos do documento escrito; o tipo de foto, que mostra se a fotografia é posada ou flagrante; além do formato explicitando a forma geométrica, o plano da fotografia, se é geral, conjunto, central ou americano, como também se está em primeiro plano (FONSECA, 2011).

Os dados do plano de conteúdo são constituídos de: o local retratado, espaço destinado a registrar as características dos lugares, cidade, bairro, como também o fundo retratado; se é natural ou artificial e interno ou externo; as pessoas retratadas (quem são as pessoas), se a foto é individual ou em grupo, sendo compostas pelos gêneros masculino, feminino ou se é misto; tema da imagem retratada, ou seja, se são eventos sociais, políticos ou institucionais (FONSECA, 2011).

Cabe destacar que, é de interesse para a leitura do texto imagético a utilização de ampliação da imagem, por meio dos recursos da informática na tela do microcomputador no comando do *zoom* ou, então, pela projeção em multimídia, pois capta melhor o conteúdo do material a ser analisado. A pesquisadora Miriam Moreira Leite (1993), também comunga da utilização do recurso, mas adverte sobre a possibilidade da distorção da imagem original.

A adaptação que ocorreu na matriz trata-se de elementos possíveis para imagens oriundas das obras como as que se optou para o presente estudo. Isto implica que, de fato, houve adaptação da matriz original.

Após a realização das etapas descritas, realizou-se a caracterização de atributos, como indumentárias e vestimentas das pessoas presentes na imagem fotográfica e suas gestualidades, além das particularidades de paisagens, temporalidade e, artefatos presentes nas imagens.

Para os registros noticiosos dos periódicos, eles, ao serem capturados, foram submetidos à outra matriz de análise. Esta se construiu a partir da necessidade da organização da coleta. Assim sendo, ela foi constituída da seguinte maneira, conforme quadro demonstrativo nº 2 descrito a seguir.

Quadro Demonstrativo nº 2 – Matriz de Análise para Registros Noticiosos

Itens	Orientação para Preenchimento
IDENTIFICAÇÃO	
Nome do Periódico	Autoexplicativo
Data de Criação	Autoexplicativo
Linha Editorial	Política adotada pelo periódico
Editor Principal	Autoexplicativo
Endereço	Autoexplicativo
Valor à época	Autoexplicativo
REGISTRO NOTICIOSO	
Página do Registro no Periódico	Autoexplicativo
Data do Registro	Data do Periódico
Síntese / Íntegra do Registro	Resumo dos tópicos principais do registro
Autoria	Informar quem produziu o registro
Possui imagem	Informar se está associado a uma imagem
Título da Matéria	Preencher com título que acompanha o registro, caso exista
Dados Complementares em outro Periódico:	

Fonte: Autoria própria.

Mediante a aplicação das matrizes de análises, elementos foram evidenciados, e triangulados. Entende-se por essa técnica de triangulação um caminho seguro para a validação do estudo. É a alternativa para se empreender múltiplas práticas metodológicas, perspectivas e

observadores em uma mesma pesquisa, o que garante rigor, riqueza e complexidade ao material elaborado (DENZIN; LINCOLN, 2006).

A Triangulação de Fontes proporciona descobertas do estudo, sustentadas por mais de uma fonte de evidência, permitindo que ocorra a convergência de evidências e reforçando a validade do constructo. Para Gibbs (2009) tratam-se da análise de diferentes dados, resultantes de entrevistas, observações e documentos.

Segundo Marcondes e Brisola (2014), busca-se empregar nesta técnica a previsibilidade de dois momentos distintos que se articulam dialeticamente, favorecendo uma percepção de totalidade acerca do objeto de estudo e a unidade entre os aspectos teóricos e empíricos, sendo essa articulação a responsável por transmitir a cientificidade ao estudo.

Desta maneira, buscou-se maior precisão pela pesquisa de diferentes tipos de dados, ou em diferentes documentos, relacionados ao mesmo fenômeno. Além disto, possibilitou oferecer credibilidade dos resultados encontrados, ao transmitir confiança dos dados na perspectiva específica para o estudo, bem como potencializou a probabilidade das descobertas realizadas durante a pesquisa (PORTO, 2007).

Com as fontes trianguladas, partiu-se para a contextualização dos fatos e/ ou acontecimentos com literatura de aderência. Isto posto, estudos históricos foram articulados para a análise, dando origem à primeira etapa da construção da narrativa histórica.

Os resultados foram validados, por meio da apresentação dos resultados parciais, durante as reuniões, com os pares de pesquisadores na história da Enfermagem, no grupo de pesquisa denominado: Laboratório de História do Cuidado e Imagem em Enfermagem-LACUIDEN, localizada à Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, UNIRIO e em eventos científicos com destaque de Menção Honrosa na 5ª Jornada de Pós Graduação da UNIRIO, pelo trabalho intitulado “**Socorro em Urgência: o Gênero Masculino em Evidência no Rio de Janeiro (1902-1906)**”.

2.7 - Conceitos de Base

Os conceitos de base para iluminar a etapa, que trata da discussão dos resultados obtidos na coleta de dados, teve por articulação a *hexis* corporal, *habitu*, efeito de lugar, poder e capital simbólicos de Pierre Bourdieu, apoiadas nos demais conceitos do autor.

Pierre Bourdieu, sociólogo e teórico francês, tinha em seu pensamento como ponto auge a compreensão do caráter estruturado das práticas sociais, em parte sem entrar na subjetividade de conceitos, segundo o qual essas seriam organizadas de maneira independentes, consciente e também por meio de agentes sociais.

Ao sair dessa retórica, Bourdieu denomina a noção de *habitus*, com auxílio da produção definida pelos próprios sujeitos do campo, entendido como sistema de disposição durável e estruturado de acordo com o meio social dos sujeitos, que seria predisposto a funcionar como sistema estruturante. Isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações (BOURDIEU, 1983).

A esse respeito, cumpre reafirmar que o *habitus* é explicado por Pinto (2000, p.38) como uma “gramática gerativa de práticas conformes com as estruturas objetivas de que dele é produto”. No interior dos diversos campos, essas práticas se tornam manifestas mediante a luta que se estabelece por posições de poder e prestígio, uma vez que os indivíduos estão “distantes por suas disposições subjetivas dos bens culturalmente e escolarmente legítimos” (PINTO, 2000, p.39).

Outra noção que o estudo incorporou foi o da *hexis* corporal, uma vez que aborda através da obra de Ataulfo de Paiva, as gestualidades diante de uma possível abordagem às urgências, tendo as ambulâncias como protagonistas aos olhos das mídias e do leitor. Assim, a *hexis* esclarece sobre a motricidade do corpo. Este esquema postural é, ao mesmo tempo, singular e sistemático, pois é solidário de todo um sistema de técnicas do corpo e de instrumentos, e carregado de uma miríade de significações e de valores sociais (MONTAGNER, 2006, p.519).

Abordando o conceito de campo, Bourdieu discute a forma de apropriação do campo pelos agentes. Para ele o campo de forças é inseparável do campo de lutas, onde residem transformações nas relações de força que lá existem, tendo o efeito de conservar ou de transformar (BOURDIEU, 2003, p. 63).

Por sua vez, a noção de campo é utilizada como área de posicionamentos sociais nos quais determinados tipos de bens são produzidos, utilizados e definidos por categorias (BOURDIEU, 2003).

O campo bourdieusiano, por seu turno, é descrito como um conjunto de agentes disputando posições do poder, também uma espécie de rede de inter-relações que se conforma e se estrutura de determinada maneira, importando menos a contingência histórica e mais as razões de não mudar facilmente” (CERRI e SILVA, 2013).

Bourdieu descreve a sociedade em seu contexto social e explica a gênese de seu funcionamento, associando o conceito de dimensão social nas relações sociais e como isto implica no poder simbólico.

Logo, o poder simbólico constitui um “poder de construção da realidade que tende a estabelecer o sentido imediato do mundo, em particular do mundo social” (BOURDIEU, 2003, p.9). Com tal propósito, a cultura dominante tem papel fundamental, pois contribui no sentido de “assegurar uma comunicação imediata entre os seus membros” e assim, distinguindo-os das outras classes; para a “desmobilização das classes dominadas”; para a “legitimação da ordem estabelecida”, através da definição das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções (BOURDIEU, 2003, p.6).

De acordo com o distinto sociólogo mencionado, o poder simbólico age com o “poder de construir o dado pela enunciação, de ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo” e a ação sobre este. Trata-se de um poder que se impõe por meio de uma violência simbólica, capaz de permitir a obtenção daquilo que equivale ao obtido pela “força física e econômica” (BOURDIEU, 2001, p.14).

Quanto aos ritos institucionais, Bourdieu (1998) entende como o poder de consagrar ou legitimar um estado de coisas, uma ordem estabelecida, cuja eficácia simbólica reside no poder que lhe é próprio de agir sobre o real, ao agir sobre a representação do real.

Os ritos são cercados de significados e significantes. Nascimento (2003) traz à luz que para “a obtenção dos significantes nos fac-símiles, os atributos pessoais e de paisagem devem ser decodificados como elementos do rito institucional, hexis corporal e representação objetal”. Trazem consigo significações e valores sociais (NASCIMENTO, 2003).

Segundo interpretação de Bourdieu (2001, p.11), a dominação é eficaz porque se realiza por meio de instrumentos simbólicos aparentemente destinados apenas às funções de conhecimento e comunicação. O mito, a religião, a arte e produtos imateriais similares,

cumprem função política, ao mesmo tempo em que parecem apenas obedecer somente a uma lógica imanente.

A articulação dos conceitos de base aos achados, triangulação das fontes, sua contextualização e discussão com estudos no campo da história proporcionaram a interpretação, o que conduziu a síntese para a escrita histórica. Com efeito, isto possibilitou traçar as considerações finais.

2.8 - Momento Ético

A pesquisa possui as questões éticas preservadas com base nos preceitos da Lei dos Direitos Autorais nº 9.610/1998 (BRASIL, 1998) quanto à autorização, atualização e consolidação da legislação sobre direitos autorais e outras providências. Nela, o capítulo III referente aos direitos autorais do autor e sua duração, aborda nos seus artigos:

Artigo 43 – Será de setenta anos o prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre as obras anônimas ou pseudônimas, contado de primeiro de janeiro do ano imediatamente posterior no caput deste artigo.

Artigo 44 – O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de primeiro de janeiro subsequente ao de sua divulgação.

Quanto às limitações aos direitos autorais, não constitui ofensa o delimitado no capítulo IV artigo 32:

I- Reprodução:

a) na imprensa diária ou periódica, de notícia ou de artigo informativo, publicado em diários ou periódicos, com menção do nome do autor, se assinados, e da publicação de onde foram transcritos; (...);

III – a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida.

Foi publicada no Diário Oficial de 24 de maio de 2016 a Resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) datada de 07/04/2016, homologada pelo Ministro da Saúde (MS), que trata das especificidades éticas das pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais e, de outras que se utilizam de metodologias próprias dessas áreas (Resolução CHS). Trata-se da primeira norma brasileira voltada especificamente para essas áreas.

Fica claro que o material científico elaborado deve implicar em benefícios atuais ou potenciais para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade.

Trata-se de uma pesquisa que utiliza informações de acesso público, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011, utiliza informações de domínio público e de bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual. As contribuições da pesquisa resultarão em aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional.

Não houve a coleta de dados e informações diretamente com seres humanos, justificando a não utilização do Termo de Consentimento Livre e esclarecido –TCLE .

Considera-se o estudo como pesquisa em ciências humanas e sociais, uma vez que são aquelas que se voltam para o conhecimento, compreensão das condições, existência, vivência e saberes das pessoas e dos grupos, em suas relações sociais, institucionais, seus valores culturais, suas ordenações históricas e políticas e suas formas de subjetividade e comunicação, de forma direta ou indireta, incluindo as modalidades de pesquisa que envolvam intervenção; de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização. Portanto, o estudo tem sustentação nas bases legais apresentadas.

SEÇÃO III

RESULTADOS

3.1 - Introdução

Ao se aplicar a metodologia proposta em suas bases legais da pesquisa apresentamos os resultados encontrados para atender ao objeto de estudo e cumprimento dos objetivos operacionais.

Primeiramente, iremos apresentar os resultados destinados às imagens, em seguida dos registros noticiosos e apontaremos a síntese, por meio da triangulação das fontes, sem aplicação e discussão dos conceitos de bases.

3.2 - Resultados das Buscas

As publicações de Adolpho Possollo na Revista Brazil-Médico, bem como o relatório deste autor contendo as suas impressões pessoais em relação ao serviço de ambulância, em sua viagem à Europa, foram coletados através do acervo pessoal do professor Dr. Fernando Porto.

As buscas presenciais resultaram em visitas ao Consulado da França, no centro da cidade do Rio de Janeiro, visto que as ambulâncias automotivas francesas serviram de moldes para aquelas que foram adquiridas pelo prefeito Pereira Passos. No entanto, não obtive êxito quanto ao processo de chegada dessas ambulâncias na capital federal, já que não há esse registro neste consulado sobre essa temática.

No Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), Museu da República do Rio de Janeiro, Museu da Imagem e do Som (MIS) campus Lapa e Praça XV e no Instituto Moreira Sales (IMS) não foram encontrados *fac-símiles* que atendessem aos objetivos. No Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro foram realizadas buscas, obtive material escrito quanto aos feitos do prefeito Pereira Passos no embelezamento e reurbanização da capital federal, além da aquisição de ambulâncias e os materiais que deveriam conter dentro desta datados de 1906 e 1907.

Em outubro do ano de 2018, foi solicitada autorização a esse arquivo para fotocópias dos documentos selecionados para pesquisa assim como o uso de imagens correlacionadas,

sob o pedido nº 28/2018 da Subgerência de Documentação Escrita, de acordo com o Parecer da Procuradoria Geral do Município / PGM, exarado no Ofício nº 143 do C/DGDI/ARQ de 05/09/1997. Desse modo, procederam-se as fotocópias no interior da instituição.

Em relação ao Corpo de Bombeiros Militares do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ), não foi possível realizar a visitação em virtude da conservação e arquivamento das obras do acervo. Realizou-se contato telefônico e digital, obtendo material escrito e imagético sobre os 150 anos de história da instituição. Tomam para si a iniciativa da primeira ambulância no Rio de Janeiro, mas esta era de tração animal¹⁴.

Destarte, foi acessado o Portal Augusto Malta, acervo de fotografias do alagoano Augusto Malta que retratava principalmente a gestão do prefeito Pereira Passos, e seu processo de reurbanização. Com o descritor “ambulâncias” foram identificadas 06 (seis) imagens datadas de 1920, que não foram utilizadas por estarem fora da temporalidade do estudo.

E por fim, utilizando os termos “ambulâncias” e “automóvel ambulância”, no período de 1900-1909, sendo filtrados os registros de 1902 a 1906 na Biblioteca Nacional Digital-Hemeroteca, obteve-se como resultado **nulo** quanto as imagens que retratassem tal artefato automotivo. O termo ambulância utilizado nas buscas nas bases de dados é considerado um descritor pelo DeCS¹⁵ – Descritores em Ciências da Saúde na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), tendo como definição apresentada em português de “veículo equipado para transportar os pacientes que necessitam de cuidados de emergência”¹⁶.

3.2.1 - Adolpho Possollo e suas publicações

Adolpho Possollo, natural do Rio de Janeiro, filho de Eduardo Raphael Possollo e Maria Emília Possollo, primos - o que justifica a presença de apenas um sobrenome - e descendentes de família portuguesa, nasceu em 18 de maio de 1869 (FARIA, 1906; BORGES, 2006). Autor da obra intitulada “Transporte de Doentes – Principalmente feridos” datada de 1907, utilizada como fonte no estudo, destina-se ao transporte de pacientes em ambulâncias.

¹⁴ A descrição da informação bem como a imagem da primeira ambulância do Corpo de Bombeiros constam na obra intitulada: “Histórico do Corpo de Bombeiros”. Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro – Estado Maior Geral, 1ª edição, 1991.

¹⁵ Para saber mais, acesse: <http://decs.bvs.br/>. Acesso em 20 nov 2018

¹⁶ Para saber mais, acesse: <http://decs.bvs.br/cgi-bin/wxisl660.exe/decserver/> Acesso em 26 abr 2019

Graduado médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde iniciou os estudos aos 17 anos, formou-se em 1892 (ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA, 1908). Foi interno do Hospital da Misericórdia e da segunda cadeira de clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Recebeu o título de Livre Docente pela mesma Faculdade, em 1914, com a tese “Medicação animal em cirurgia”¹⁷.

Foi capitão médico do Regimento Policial do Estado do Rio de Janeiro entre os anos de 1892 e 1893, cirurgião do Hospital da Misericórdia de Piracicaba (SP), cirurgião da Colônia de Psicopatas de Vargem Alegre, onde também exerceu o cargo de diretor por dois períodos.

Além disso, à época da publicação da primeira edição do livro “Curso de Enfermeiros”, era chefe do Serviço de Cirurgia do Ambulatório Rivadavia Corrêa, na Colônia do Engenho de Dentro (POSSOLLO, 1920). Médico influente, foi cirurgião efetivo da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro (AECRJ) entre os anos de 1903 e 1910, período em que ministrou conferências e participou de congressos como representante da AECRJ (ALVES, 2015).

A publicação “Transporte de Doentes – Principalmente feridos” ocorreu na revista Brazil-Médico em 1907, porém os dados foram escritos e apresentados no 3º Congresso Científico Latino Americano, pelo Dr. Adolpho Possollo, que aconteceu no Rio de Janeiro em 1905. Tal documento é composto de 12 (doze) páginas e 01 (uma) imagem.

Nele é reproduzida a preocupação com o transporte de um doente, principalmente ferido, sendo aquele acometido por alguma moléstia ou acidente e, a necessidade de transporte do leito de um doente ou via pública, até a cama de hospital ou mesa de operações. Somado a isto, continha a descrição minuciosa de elementos necessários na instalação da ambulância e sua composição.

Foi exposto de forma clara que o documento não abordaria o transporte de doentes afetados por moléstias internas, cardíacos, tuberculosos, amarementos, variolosos bem como aqueles atacados por doenças mentais, delírio furioso e feridos em guerras, campos de batalha. Nesses casos as precauções necessárias se tornavam muito específicas, sendo imprescindível a construção de outros capítulos.

¹⁷ ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. Prontuário Adolpho Possollo: matrícula da Faculdade de Medicina – Exercícios 1885 e 1886, 31 mar 1886.

Para tanto, ao se aplicar o critério estabelecido na metodologia nessa fonte foi identificada apenas uma imagem passível de análise no estudo. A mesma apresentava uma ambulância e pessoa datada de 1905 conforme a publicação de 1907. Cabe salientar que a figura foi utilizada anos depois pelo próprio médico Adolpho Possollo no seu livro publicado em 1920, sendo assim, a repetição foi definida como critério de exclusão.

3.2.2 – Ataulfo Nápoles de Paiva e sua obra

Ataulfo Nápoles de Paiva¹⁸ autor da obra intitulada “Assistência Pública e Privada no Rio de Janeiro: história e estatística: comemoração do Centenário da Independência Nacional” datada de 1922, era advogado, magistrado e orador, nasceu em Rio Claro, RJ, em 1º de fevereiro de 1867, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 08 de maio de 1955. Eleito em dezembro de 1916 para a Cadeira nº. 25, na sucessão de Artur Orlando, foi recebido em 23 de maio de 1918 pelo acadêmico Medeiros e Albuquerque.

Estudou na Faculdade de Direito de São Paulo, onde colou grau em 1887. Foi juiz municipal em Pindamonhangaba, São Paulo. No Rio de Janeiro, ocupou os cargos de pretor, juiz do Tribunal Civil e Criminal. Foi ministro do Supremo Tribunal Federal, presidiu o Conselho Nacional do Trabalho, fez campanha pela sistematização das assistências pública e privada e sua aliança, sob a inspeção do Estado, encarregado oficialmente de fazer a história e estatística da assistência no Distrito Federal.

Sua obra é composta por 255 (duzentos e cinquenta e cinco) imagens organizadas em lâminas entre páginas numeradas, perfazendo um total de 918 (novecentos e dezoito) páginas. Seguindo a proposta metodológica do estudo foram identificadas 03 (três) imagens que foram selecionadas e apresentavam ambulância e pessoas. Apesar de não possuírem período em que foram retratadas, foram selecionadas figuras em virtude do local e pessoas retratadas e os atributos pessoais se adequarem à delimitação do estudo, a era do prefeito Pereira Passos.

Logo, o *corpus* documental do estudo é de 04 (quatro) figuras selecionadas para análise e discussão posteriormente.

¹⁸ Para saber mais, acesse: www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ataulfo-napoles-de-paiva. Acesso em 21 abr 2019.

3.3 - Resultados dos Registros Noticiosos

A implantação da imprensa no Brasil (séc. XVIII) deu-se com a chegada da família real ao País (1808). Porém, o surgimento de exemplares/revistas com caricaturas e sátiras, foram aparecer somente na segunda metade do século XIX, com a autorização para imprimir em território nacional a partir da instalação da imprensa régia, em 1908, determinada por D. João VI¹⁹. A imprensa, por sua vez, representava a possibilidade de que os cidadãos pudessem manter-se atualizados e a par de todos os acontecimentos emergentes na época de uma forma diversificada (BAPTISTA & ABREU, 2010).

No entanto, a primeira revista de que se tem conhecimento, surgiu em Salvador no ano de 1812, seguindo os modelos de revistas utilizados no mundo editorial da época, a revista baiana também tinha “cara e jeito de livro” e se propunha a publicar; em seguida surge no Rio de Janeiro (BAPTISTA & ABREU, 2010).

No século XIX revistas com experiências culturais dominaram o público leitor, com uma leitura acessível e com presença de ilustrações. O modelo funcionou, nesta mesma linha surgiram inúmeras outras revistas no Brasil, entre elas, podemos destacar Gabinete da Leitura, Museu Pitoresco, O Brasil Ilustrado e Universo Ilustrado. Todas elas, elaboradas seguindo os moldes dos magazines europeus: buscavam um caminho para atingir mais leitores e com isto, conseguirem se estabelecer no mercado (BAPTISTA & ABREU, 2010).

Primeiramente, deve-se diferenciar política editorial de linha editorial, para que não haja divergência nas interpretações dos objetivos das revistas. Os termos citados são sinônimos, porém com definições distintas. Para Beltrão (1980) a política editorial é ditada pela opinião do editor e, é definida como “o julgamento que faz sobre determinado problema ou questão o grupo de elite que mantém o veículo”.

Já a linha editorial é, classicamente, definida como o confronto dos interesses comerciais e políticos da empresa com as aspirações e desejos dos leitores e, a intenção dos jornalistas de levar informação que consideram necessária, proveitosa ou útil (LAGE, 2017).

Baseado nas buscas realizadas no *site* da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital e na temporalidade do estudo selecionou-se as revistas da Semana e Brazil-Médico.

¹⁹ Dom João VI (1767-1826) foi Rei de Portugal. Abriu os portos brasileiros ao comércio exterior. Foi rei de Portugal, Brasil e Algarves. Foi príncipe regente de Portugal e do Brasil. Disponível em: https://www.ebiografia.com/domjoao_vi/ Acesso em 27 out 2018.

3.3.1 Revista da Semana - Edição Semanal Ilustrada do Jornal do Brasil

Lançada pelo Barão de Tefé, a revista se caracterizava pela periodicidade semanal, daí a relação com o nome proposto, sendo a Edição Semanal Ilustrada do Jornal do Brasil. Surgiu em 1900 na cidade do Rio de Janeiro, sendo seu último número publicado em 1918. Situava-se em um escritório à Rua Gonçalves Dias, número 54 – na cidade do Rio de Janeiro, hoje bairro Centro. O valor de compra de uma edição à época era de 300 réis, o equivalente a R\$ 36,90 nos dias atuais²⁰.

Quadro Demonstrativo nº 3: Periódico selecionado Revista da Semana e sua respectiva linha editorial

Periódico	Linha Editorial
Revista da Semana (OLIVEIRA et al, 2010)	Inaugurou o uso de fotografias em revistas. Possuía qualidade editorial e muito ilustrada, abordando diversos assuntos. Possuía alto número de propagandas, principalmente ligadas ao feminino e ao uso de crianças. Segundo Oliveira et al (2010) estabeleciam um diálogo profundo com a sociedade e com a modernidade carioca, inaugurando novas formas de leitura (ler e ver imagens; incorporar sons do cotidiano) e captando as mudanças políticas e de costumes, os novos ritmos sociais, as inovações tecnológicas e gráficas, as correntes artísticas recentes. Extremamente crítica.

Fonte: Autoria própria

Nessa revista, seguindo a metodologia adotada, foram identificadas 05 (cinco) ocorrências encontradas com os termos “ambulância” e “automóvel ambulância” e considerando a temporalidade do estudo, contudo, os registros noticiosos se referem à textos relacionados a contos, histórias e relatos sobre a Primeira Guerra Mundial. Não foi possível identificar associação dos registros citados com o critério de inclusão mencionado e/ou relacionados aos objetivos do estudo.

3.3.2 Revista Brazil-Medico – Revista Semanal de Medicina e Cirurgia (RJ)

Fundada por Azevedo Sodré, médico da Real Beneficência Portuguesa e Santa Casa de Misericórdia, em 1887. Inicialmente, as discussões surgidas nas sessões da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro²¹ foram publicadas em periódicos da área médica,

²⁰ Conversão através da página:

<https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADA0/publico/metodologiaCorrigirIndice.do?method=metodologiaCorrigirIndice> / Acesso em 20 fev 2020.

²¹ Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro criada em 1886 desperta interesse pela iniciativa pioneira de promover os primeiros congressos científicos ocorridos no país, instituindo assim uma nova forma de manifestação pública da 'comunidade' médica. Além disso, ao pretender organizar-se como uma instituição científica não dependente do Estado, colocava em discussão a questão da autonomia da ciência. Para saber mais,

como *Brazil Médico*. As primeiras publicações tinham como objetivo divulgar o conteúdo das sessões realizadas mensalmente entre seus sócios. Os Boletins da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro foram editados anualmente entre 1889 e 1896, contendo as mesmas informações das atas daquelas reuniões, expressando o prestígio da Sociedade na vida pública.

Os boletins apresentavam os programas de higiene e saúde pública, dados referentes a imprensa médica estrangeira e, temas relacionados às epidemias da época. Localizava-se na Rua do Rosário, 100. Os exemplares não eram comercializados, distribuídos para assinantes da revista.

Quadro Demonstrativo nº 4: Periódico selecionado Revista Brazil-Médico e sua respectiva linha editorial

Periódico	Linha Editorial
Revista Brazil-Médico (FERREIRA, MAIO e AZEVEDO, 1998)	Teceu principais críticas à medicina oficial, ressaltando o descompasso existente entre o aumento do número de médicos no Brasil e a ausência de uma produção intelectual expressiva. As razões mencionadas para a ocorrência de tal fato eram duas: o mimetismo, medido pela aceitação acrítica da produção científica estrangeira em detrimento da nacional; e o reduzido número de revistas especializadas, que limitava muito a publicação de trabalhos científicos. Apresentava pouco uso de fotografias em seus exemplares. Abordava assuntos originados nas reuniões da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Possuía relativa autonomia frente aos interesses estatais.

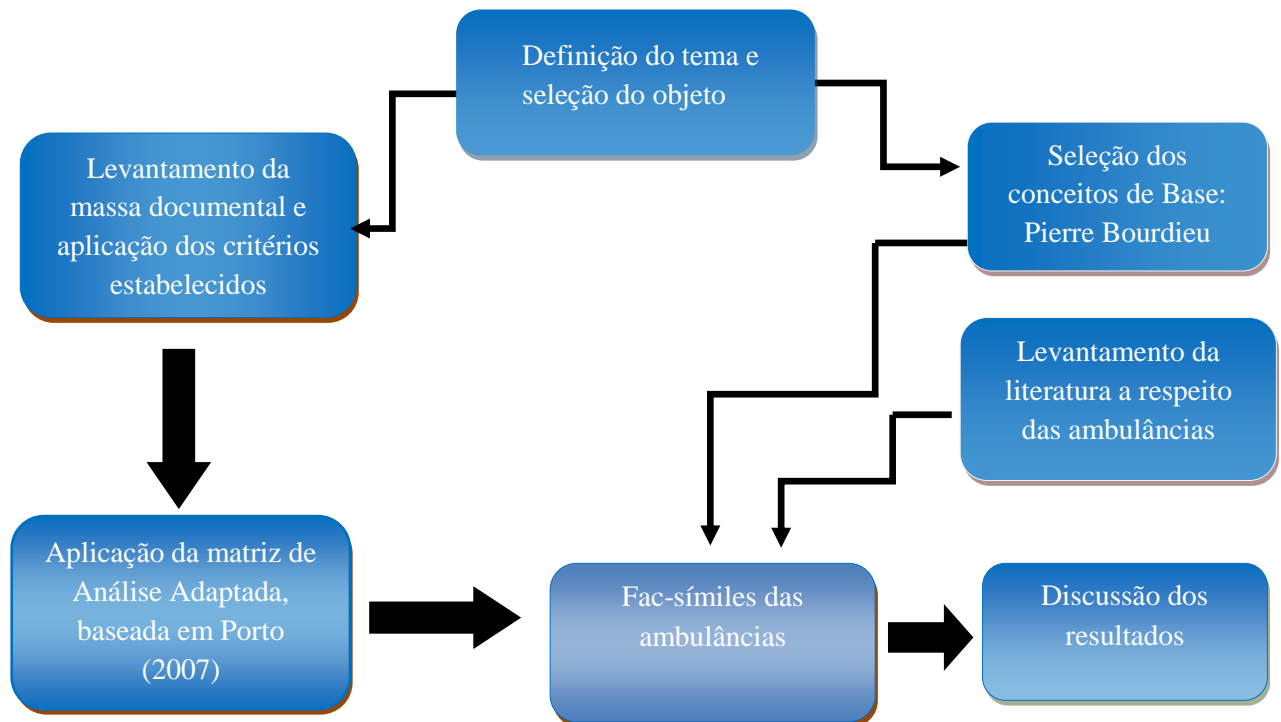
Fonte: Autoria própria

Nessa revista, seguindo a metodologia adotada, foi identificada 01 (uma) ocorrência, considerando os termos utilizados para as buscas e a temporalidade do estudo. A mesma foi selecionada para o estudo, referia-se a um registro noticioso mencionado no texto “Transporte de Doentes – Principalmente Ferido”, com publicação de Adolpho Possollo, datada de 1907.

3.4 - Organização do Estudo

A triangulação dos dados culminou na discussão e apreciação à luz da bibliografia já apresentada em itens anteriores, as quais tenderam para a adesão ao objeto de estudo, o que possibilitou o encadeamento de ideias, demonstrado no fluxograma abaixo, possibilitando o arranjo das seções propostas a seguir.

Fluxograma 01: Traçado da operação metodológica do estudo.



Fonte: Autoria própria

A seção 4 contém aspectos relacionados à estrutura das ambulâncias, enquanto artefato material a ser utilizada no socorro às urgências em vias públicas, suas especificações e como se sucedeu o processo de implementação destas por Pereira Passos. Ademais, engloba a capital federal e as modificações urbanísticas e as nuances determinadas por este prefeito, nos moldes da capital francesa.

Na seção 5 abordaram-se as estratégias adotadas para adesão da capital federal a automóvel ambulância, em detrimento das de tração animal, em meio a uma revolução industrial em ascensão, com base nos conceitos de Bourdieu.

A seção 6 contém a confluência das assertivas e dos resultados encontrados com o estudo, engrenando nas considerações finais da autora em resposta aos objetivos propostos.

SEÇÃO IV

AMBULÂNCIAS DE PEREIRA PASSOS

4.1 - Introdução

Esta seção destina-se a contextualizar a inserção das ambulâncias, na gestão do prefeito Francisco Pereira Passos, na capital federal durante o governo do presidente Rodrigues Alves – 1902 a 1906.

Para tanto, utilizamos textos dos tempos idos. Nossa estratégia é de apresentar de forma descritiva como ocorriam as transformações na cidade do Rio de Janeiro durante esse novo governo.

Pensar que nas ruas do Rio antigo, período em que os transportes do tipo carroças, carruagens ou similares eram os meios de locomoção adotados nos serviços de saúde pública e privados, é a possibilidade de certa viagem no tempo.

4.2 - Rio Antigo

A cidade do Rio de Janeiro, construída em pleno paraíso e com contornos que revelam um momento de inspiração do criador, após a Proclamação da República, sofreu fatores que a transformaram de uma velha cidade colonial com aparências européias.

Nesta conjuntura são emblemáticos os seguintes acontecimentos: a cassação dos títulos de nobreza, a instalação do Governo Provisório, a Revolta da Armada, a ditadura dos marechais e sua transição para a República Civil, efetuada através do voto direto censitário (PINHEIRO, FIALHO Jr, 2006).

A primeira eleição direta republicana culminou o governo de Prudente de Moraes (1894-1898), que enfrentou forte depressão econômica proveniente do Encilhamento (1888-1891)²², como ficou conhecida a crise provocada pela política econômica mal dimensionada de Rui Barbosa. Já o governo Campos Salles (1898-1902) buscou sanear política e economicamente o país.

²² Foi uma bolha econômica (bolha de crédito) que ocorreu no Brasil, entre o final da Monarquia e início da República, desencadeando então uma crise financeira e institucional (CARVALHO, 2004).

Nesse período, o Rio de Janeiro enfrentava graves problemas sociais, acentuados pelo rápido e desordenado crescimento. Com o declínio do trabalho escravo, a cidade passara a receber grandes contingentes de imigrantes europeus e de ex-escravos, atraídos pelas oportunidades de trabalho assalariado. Entre 1872 e 1890, a população duplicou, passando de 274 mil para 522 mil habitantes, sendo um aumento considerável. Em 1904, totalizava 730 mil (KOK, 2005). Assim, a demografia da cidade apresentava-se em expressa expansão. Logo, a explosão demográfica e, sobretudo, o aumento da pobreza, agravaram a crise habitacional que perdurava desde meados do século XIX, em virtude do quantitativo de pessoas e a falta de trabalho, bem como a falta de habitação para todos.

4.3 – Rio de Janeiro: Distrito Federal

Em 15 de novembro de 1902 tomou posse como presidente da República Francisco de Paula Rodrigues Alves, no período conhecido como Primeira República²³, tendo como plano de governo a modernização do país com a promoção de obras de saneamento, a reurbanização da capital federal, o incentivo à imigração e fixação de estrangeiros no campo, e a expansão da malha ferroviária nacional. Para tanto, o governo destinou verba de 900 contos para higiene (PINHEIRO, FIALHO Jr, 2006), o que equivale a R\$ 110.700.000,00 nos dias atuais²⁴.

Gilberto Ferrez²⁵ sinalizou que para civilizar o Rio de Janeiro seria necessária uma gestão capaz de transformar os aspectos negativos da capital federal. Isso implicava mudanças na arquitetura colonial, rotina da cidade, em prol do ambiente salubre e saudável. No entanto, além disso, era imprescindível modificar os hábitos e costumes da cidade (FERREZ, 2015).

Assim, para atingir seus objetivos o presidente nomeou o engenheiro Francisco Pereira Passos para prefeito da cidade do Rio de Janeiro, em 29 de dezembro de 1902, data de implementação do estatuto de organização municipal para o Distrito Federal. O chefe do executivo escolheu como ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas Lauro Severiano

²³ A delimitação temporal dessa pesquisa (1902-1906) encontra-se no período que ficou conhecido na história do Brasil como Primeira República ou República Oligárquica (1889 – 1930). Esse momento da história do país foi aquele que evidenciou a continuidade da defesa das elites latifundiárias (republicanas) especialmente as ligadas à cafeicultura (ZOTTI, 2005).

²⁴ Conversão através da página:<http://diniznumismatica.blogspot.com/2015/11/conversao-hipotetica-dos-reis-para-o.html>. Acesso em 04 jan 2020.

²⁵ Para saber mais leia: *A muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro* (2015).

Muller²⁶, que promoveu uma grande reforma urbanística na cidade, com o objetivo de transformá-la numa capital nos moldes franceses, teve vital importância para o projeto de modernização e saneamento da cidade, visto que grande parte das obras era de incentivo do governo federal.

Em março de 1903 designou o médico Oswaldo Gonçalves Cruz²⁷ para a Diretoria Geral de Saúde Pública, completando-se a poderosa tríade que promoveria as grandes transformações da cidade, escorada nos poderes ditatoriais recebidos do presidente para execução de sua importante missão (BUENO, 2005; KOK, 2005). O desejo desses governantes era que a cidade fizesse jus às prerrogativas de capital da República também com medidas sanitárias.

Nesse momento, a cidade clamava por melhorias e a prefeitura sofria do mal do “cofre vazio”. Demissão de servidores, suspensão de execução de obras, salários atrasados por até 11 (onze) meses eram medidas radicais necessárias a fim de equilibrar as contas públicas na capital federal (ERMAKOFF, 2003).

Enquanto isso, o cenário da cidade era de sujeira amontoada em becos contribuindo para proliferação de doenças, impondo a necessidade de implementar um rigoroso programa sanitário acompanhado de completa reforma arquitetônica, substituindo as ruas estreitas por vias mais largas e arejadas. Era necessário também a mudança de hábitos higiênicos da população. A maior vítima dessas transformações era o cidadão comum (ERMAKOFF, 2003).

Pela leitura de Silva (2018) o destino inadequado do lixo, a ausência de local sanitário apropriado para o escarramento e esgotos humanos, e a manipulação de alimentos em local

²⁶Engenheiro e diplomata, iniciou carreira militar no Rio de Janeiro na década de 1880, quando formou-se em engenharia. Nessa época, através de Benjamin Constant, recebeu forte influência do pensamento positivista. Em 1889, participou do movimento militar. Em seguida, foi nomeado governador de Santa Catarina. Em 1902, assumiu o Ministério da Viação e Obras Públicas no governo de Rodrigues Alves, promoveu o desenvolvimento do transporte ferroviário e construiu o novo porto do Rio de Janeiro, então capital federal. Para saber mais, acesse: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/lauro_muller Acesso em 10 nov 2019.

²⁷ Médico e cientista Oswaldo Gonçalves Cruz nasceu em São Luís do Paraitinga (SP), em 5 de agosto de 1872. Sua família se transferiu para o Rio de Janeiro em 1877. Graduou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1892, trabalhou na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, onde era responsável pela montagem e a chefia do laboratório de análises clínicas. Em 1897 Oswaldo Cruz viajou para Paris, onde permaneceu por dois anos estudando microbiologia, soroterapia e imunologia, no Instituto Pasteur, e medicina legal no Instituto de Toxicologia. Retornando da capital francesa, o médico reassumiu o cargo na Policlínica Geral. Dois anos depois, o jovem bacteriologista assumiu a direção do Instituto Soroterápico Federal, na Fazenda Manguinhos. Foi chefe da Diretoria-Geral de Saúde Pública (DGSP). Para saber mais, acesse: <https://portal.fiocruz.br/trajetoria-do-medico-dedicado-ciencia>

coletivo apontavam, além da carência de infraestrutura sanitária na capital federal, a existência de um local insalubre e fétido. A cidade era considerada cemitério, a principal população atingida pelas doenças era de europeus – classe pobre –, por isso a designação de cemitério dirigida aos imigrantes. Eles chegavam à cidade na esperança de trabalho e melhores condições de vida, o que conseqüentemente levou ao aumento populacional.

Com isso, a capital federal foi apontada como um lugar tumultuado e ocupado por estrangeiros, em decorrência do aumento populacional que ocorria ao longo dos tempos na cidade. A aglomeração de imigrantes era resultado da carência de moradias na capital federal, pois o setor habitacional não acompanhou a crescente demografia. Devido ao número insuficiente de moradias as famílias se concentravam nas habitações coletivas no centro da cidade (VAZ, 2002).

Na chamada Cidade Velha e suas adjacências, área central do Rio de Janeiro, se multiplicavam as habitações coletivas e eclodiam as violentas epidemias de febre amarela, varíola e cólera-morbo que conferiam à cidade fama internacional de porto sujo. Este quadro favorecia o discurso de higienistas sobre as condições de vida nesse local, os quais propunham intervenções drásticas para a restauração do equilíbrio da cidade.

As moradias mais comuns à época eram os cortiços. Eles eram de aspecto coletivo, constituídos de pequenos quartos de madeira ou construção ligeira. Algumas vezes, eram instalados nos fundos de prédios, uns sobre os outros, com vários andares, varandas e escadas de difícil acesso, sem cozinha, existindo ou não pequeno pátio, com área ou corredor; eram assim construídos para acomodar a população (CARVALHO, 1995).

Nas habitações havia banheiros, pias e latrinas, mas em número insuficiente para atender ao quantitativo de moradores dos cortiços, o que favorecia a eliminação dos detritos humanos em outros ambientes. Era assim, de forma desordenada, sem privacidade e com precárias condições de higiene que viviam os moradores da cidade (VAZ, 1994).

Insta ressaltar que o cenário caótico pelo qual a capital federal passava, prejudicava o aspecto econômico do país. Os imigrantes europeus ficavam completamente receosos de desembarcar nas terras cariocas, devido à mortalidade causada pelas epidemias. As transações comerciais não eram dinâmicas por causa das quarentenas a que as embarcações do Rio de Janeiro eram submetidas nos portos do exterior (KOK, 2005). Logo, a carência de mão de obra e os problemas de escoamento do café nos portos estrangeiros afetavam diretamente a

economia do café no país, além do receio da Europa em relação à insalubridade no porto brasileiro e seus funcionários.

Figura A: Cortiços no Rio de Janeiro



Legenda: Cortiço na Rua do Hospício (atual Buenos Aires), 1905
Fonte: Portal Augusto Malta

O Rio de Janeiro se apresentava em concorrência direta com as principais metrópoles sul-americanas como Montevideú e Buenos Aires, e a capital da República queria ocupar lugar de evidência no mercado mundial (De PAOLI, 2013). No entanto, os problemas sanitários e de desordem social a deixavam em descrédito frente aos outros países. Por isto, havia a urgência em transformações, uma nova cidade precisava brotar oposta ao cenário que se exibía.

No campo da saúde, o Rio de Janeiro angariava a triste reputação de “túmulo de estrangeiros”, já que devido a febre amarela, além de ter vitimado um bom número de cariocas, entre 1897 e 1906, matou quatro mil imigrantes. Por este motivo, as classes dominantes passaram a desejar mudanças no intuito de atrair “olhares” da Europa e Estados Unidos para estímulo ao comércio, coadunando o interesse político e ideológico em reafirmar o poder das elites republicanas (KOK, 2005).

Por conseguinte, o verbo civilizar passou a ser conjugado pelas elites cariocas e burguesia emergente pelo anseio da capital federal chegar à altura de Londres e Paris (KOK, 2005). Paris, em especial, pois a Cidade Luz, nessa época, servia de inspiração para a modificação de várias capitais europeias e americanas (SANTOS e MOTTA, 2003), sendo a

referência para o prefeito Pereira Passos empreender a nova reforma urbanística. Assim como Oswaldo Cruz, Pereira Passos passou um período na referida capital francesa se especializando e, retornando ao Brasil para atuar de forma objetiva no setor de obras e viação.

As classes desfavorecidas também clamavam por mudanças, porém com abordagens diferenciadas da classe burguesa, buscavam melhorias nas condições de moradia e higiene. A essa altura o Rio de Janeiro se configurava em extrema desordem sanitária, tanto no espaço público, como no ambiente privado.

De um lado, a presença de sujeira por toda parte, odores, doenças, população aglomerada em habitações coletivas com precárias condições de higiene e, de outro ausência de esgoto sanitário. Piorando a situação, a organização geográfica favorecia inundações de ruas e pântanos, além do aparecimento de ratos. Esse é o resumo que o cenário da cidade apresentava no início do século XX. Ela estava distante dos princípios republicanos de ordem e progresso, escritos e destacados na Bandeira Nacional (SILVA, 2018).

4.4 – Metas de Governo

A civilização para a cidade significava deixar para trás seu aspecto de colônia e toda adjetivação negativa que o mundo atribuía ao Rio de Janeiro – ou seja, abandonar os adjetivos de cidade malcheirosa, insalubre e temida pelas epidemias e europeus. O país civilizado permitiria a entrada de capitais e de europeus na cidade, além de favorecer a exportação do café brasileiro, doravante, por meio de um porto moderno e salubre (KOK, 2005). Dessa forma, a reforma física da cidade a transformou em um ambiente salubre e bonito, por consequência uma cidade embelezada e urbanizada.

Nos primeiros momentos de sua gestão, o então prefeito iniciou uma série de atos com o propósito de erradicar velhos hábitos urbanos e impor uma disciplina conforme a nova ordem republicana, comprometida que estava com os capitais franceses e ingleses em sua fase imperialista – calcada no escoamento da produção fabril e na exportação de capitais. Nesta seara, citam-se os decretos datados de 09 de janeiro de 1902 que proibiram, no Centro da Cidade, o comércio ambulante de leite, efetuado com o auxílio do gado bovino, a venda de miúdos de bois em tabuleiros descobertos e a venda de bilhetes lotéricos em ruas, praças e bondes (PINHEIRO, FIALHO Jr, 2006).

Outro decreto suspendeu construções e obras de reforma, em 15 freguesias da cidade, sem licença da Prefeitura. O decreto de 11 de abril de 1903 regulou a “apanha e extinção de cães vadios”. Como resultado, foram capturados diversos cães naquele ano, chegando a mais de 20 mil cães, dois anos depois. Outras proibições decretadas: esmola nas ruas, pingentes dos bondes, cuspidura no assoalho do bonde e criação de porcos no Distrito Federal.

O plano de governo de Pereira Passos tinha como eixos principais o embelezar, abrir ruas e sanear a cidade (SOUZA, 2006). A reurbanização da cidade do Rio de Janeiro promovida durante o seu mandato (1902-1906) foi inspirada na cidade de Paris e, visava um porto melhorado, os cortiços postos abaixo, a iluminação pública expandida, o sistema de fornecimento de água e coleta de esgoto aprimorados, e os morros do Senado e do Castelo demolidos.

A questão da habitação na cidade tornou-se ainda mais precária. A população trabalhadora e empobrecida do Centro da cidade teve que migrar para os morros e subúrbios. Para realizar essas obras foram contraídos empréstimos externos pelo governo federal (SILVA, 2018).

Já datava de 1900 a fundação da Policlínica de Botafogo²⁸, com a sede situada à Rua Bambina, nº 141, na cidade do Rio de Janeiro, capital federal, por iniciativa do Dr. Luiz Barbosa. Essa tinha por finalidade uma assistência médica gratuita, sob a forma urgente e não urgente, em seus vários consultórios e domicílios, aos indivíduos reconhecidamente pobres, sem distinção de idade, sexo, religião ou nacionalidade e; o desenvolvimento de ciências medico-cirúrgicas pelo encontro periódico dos respectivos profissionais.

²⁸ Para saber mais, acesse: <http://www.policlinicadebotafogo.com.br/institucional/> Acesso em 10 nov 2019.

Figura B: Fachada da Policlínica de Botafogo



Sem legenda

Fonte: Site institucional da Policlínica de Botafogo –
<http://www.policlinicadebotafogo.com.br/institucional>.

Passou por ela dezenas de profissionais que se destacaram no âmbito da medicina nacional e, também internacional. Oswaldo Cruz foi um deles. O uso de ambulâncias locomóveis ocorria para o transporte de doentes.

Figura C: Ambulância da Policlínica de Botafogo



Legenda: POLICLINICA DE BOTAFOGO – Ambulância locomóvel para transporte de doentes
 Fonte: Livro “Assistência Pública e Privada no Rio de Janeiro: comemoração do centenário da independência nacional” (1922).

A ambulância utilizada possuía estrutura de cor escura, com base sob 02 rodas grandes e com aros finos, contendo dois puxadores, à sua frente, ergonômicos para as mãos. Com lonas nas paredes laterais contendo os dizeres “SOCORRO MEDICO DE URGENCIA”, que

também se encontravam no alto da ambulância, visível duas estruturas em suas delimitações em cores claras com fundo escuro. Era um transporte simples e rudimentar.

Baseada nas ideias de urbanização, beleza, de reestruturação física e moral, a reforma urbana, tratada como questão nacional, sustentou-se no tripé de metas: saneamento, abertura de ruas e embelezamento, e a atração de capitais estrangeiros para o país. A partir da reforma, houve intensa valorização do solo urbano da área central, determinante na expulsão da população de baixa renda ali concentrada. Cerca de 1.600 velhos prédios residenciais foram demolidos (SILVA, 2018).

Parte considerável da imensa massa atingida pela remodelação permaneceu no Centro, em suas franjas e fendas deterioradas, pois a zona norte e os subúrbios, apesar do rápido crescimento, não constituíam alternativa de moradia para os que sobreviviam de biscates ou recebiam diárias irrisórias. Apenas os de remuneração estável e suficiente para as despesas de transporte, aquisição de terreno, construção ou aluguel de uma casa mudaram-se para a zona norte e os subúrbios. Desta forma, ao lado das tradicionais habitações coletivas que se disseminaram nas áreas adjacentes ao Centro (Saúde, Gamboa e Cidade Nova), surgiu nova modalidade de habitação popular: a favela (PINHEIRO, FIALHO Jr, 2006).

Na abertura de avenidas, Pereira Passos construiu a Mem de Sá, Beira Mar e Avenida Central²⁹. No entanto, para tal feito necessitou promover a destruição de imóveis, sendo, em sua grande maioria, habitações coletivas localizadas na área central da cidade e, por isso no caminho para a construção das avenidas.

Idealizava-se que o embelezamento e a abertura de ruas e avenidas transformariam o Rio de Janeiro numa capital federal bonita e moderna. Dentre as ações realizadas pelo prefeito para o embelezamento, algumas foram exigências feitas aos proprietários de imóveis. Conforme expôs Brenna (1985), tornaram-se responsáveis por cuidar da pintura, da caiação, do conserto e da limpeza de seus estabelecimentos, principalmente das fachadas. Além disso, foi proibida a exposição, nas ruas, de artigos vendidos nos estabelecimentos comerciais. Por outro lado, houve a construção de um matadouro-modelo – entendido higiênico –, e um coreto para apresentações musicais na Praça XV (BRENNNA, 1985).

As ações pautadas nas diretrizes do governo se moderavam no discurso sobre a necessidade de sanear e higienizar a cidade, livrá-la das doenças, impor à população novos

²⁹ Atual Avenida Rio Branco (KOK, 2005).

hábitos e atitudes, condizentes com os avanços nas ciências, ampliar espaços com ordem, beleza e modernidade. Não obstante, havia a necessidade de consolidação da política do café, de escoamento de sua produção com ampliação das estradas de ferro e do Porto do Rio de Janeiro; das empresas francesas e inglesas dos setores de energia e bondes, além das indústrias automobilísticas norte-americanas.

No campo da saúde, em primeiro lugar, Oswaldo Cruz enfrentou a febre amarela, atacando a doença através da eliminação dos mosquitos e pelo isolamento dos doentes em hospitais (CARVALHO, 2005). Estruturou sua campanha em bases militares, utilizando os instrumentos legais de coação e, em menor medida, meios de convencimento, como os "Conselhos ao Povo"³⁰, publicados na imprensa governista. A cidade foi dividida em dez distritos sanitários, com delegacias de saúde, cujo pessoal tinha a missão de receber as notificações de doentes, aplicar soros e vacinas, multar e intimar proprietários de imóveis e detectar focos epidêmicos.

4.5 – Chegada do automóvel ambulância

4.5.1 – Contexto Parisiense

Em meados do século XIX, mais precisamente entre 1853 e 1870, Paris passou por uma profunda reforma urbana, responsabilidade do barão Georges-Eugène Haussmann (1809-1891)³¹, prefeito da cidade durante o governo de Napoleão III, sobrinho de Napoleão Bonaparte. A reformulação da capital francesa influenciou o traçado de inúmeras cidades ao redor do mundo, incluindo o Rio de Janeiro (SCHURMANN, 1999).

A França passava por um intenso período de industrialização e de urbanização e, Paris não tinha infraestrutura para abrigar todos aqueles que migravam do campo para a cidade: nunca antes tantas pessoas habitaram a capital. Daí, muitos foram os problemas enfrentados como epidemias que surgiam devido à concentração populacional e à inexistência de saneamento básico. Com o intuito de promover a qualidade de vida, as obras de Haussmann

³⁰ Pareceres elaborados pela diretoria de saúde ganharam diferentes nuances, mas algo permaneceu constante: o apelo à higiene pessoal e ao cuidado com os contatos sociais, como maneiras de se evitar a enfermidade e sua propagação.

³¹ George-Eugène Haussmann (1809-1891), o grande responsável pela reforma urbana em Paris. Haussmann era administrador público, recebeu ordens de Napoleão Bonaparte para reconstruir a cidade com grandes avenidas e rede de esgoto. Para saber mais, acesse: <https://historiaartearquitetura.com/2018/11/01/a-paris-de-haussmann/> Acesso em 12 nov 2019.

incluiram melhorias como a instalação de esgotos, a extensão do sistema de distribuição de água e a promoção da iluminação pública.

Existiram também ações com o objetivo de higienizar, embelezar e modernizar a capital através da implantação de parques, da arborização de bairros e da erradicação de cortiços seguida da construção de conjuntos habitacionais nos subúrbios (SILVA, 2018).

Muitos críticos afirmam que a preocupação com a largura das vias de Paris não era mera questão de mobilidade, pois as ruas estreitas e tortuosas do tempo medieval tornavam difícil a repressão aos motins populares que tinham se tornado comuns desde a Revolução Francesa de 1789 - para fins didáticos, pode-se dizer que o desenho das cidades da Idade Média guardava semelhanças com o das favelas dos morros cariocas ao facilitar a defesa dos moradores contra invasores.

Nesse período a capital francesa já detinha de um serviço de saúde aparelhado com automóveis ambulâncias, sendo o transporte aos doentes realizados por equipes de médicos cirurgiões. O sistema de ambulâncias voadoras, chegando a frente dos feridos para prestar assistência emergencial e condicioná-los para evacuação até o hospital data dos idos de 1792 com o esforço e competência de Dominique Larrey, o pai da medicina militar. Antes dessa época, os feridos eram transferidos amarrados a cavalos, mulas ou camelos.

A invenção do telégrafo (1792) e a do telefone (1871) colaboraram para a criação de um serviço intitulado “Obras de ambulâncias urbanas” no Hospital Saint-Louis³². Era a primeira assistência médica de emergência direcionada a civis. A cidade de Paris era dividida em 06 (seis) áreas geográficas, cada uma com um sistema de alerta telegráfico e, conectadas a uma estação receptora na qual uma equipe de médicos e enfermeiros estavam dispostos a atender algum chamado, intervir ao menor sinal, durante 24 (vinte e quatro) horas por dia (EMMANUELLI, EMMANUELLI, 1996).

Na capital francesa havia carros-ambulâncias disponíveis para assistência, de forma primitiva, com baixa ventilação, tornando-o extremamente quente no verão. No seu interior, possuía padiola incômoda, acolchoada de couro, sem condição de higiene e sem recursos, contudo havia a superioridade de haver a prestação de cuidado por uma enfermeira. Os

³² Foi construído no início do século XVII por ordem do rei Henrique IV da França, que assinou um decreto que fundou o hospital em 17 de maio de 1607. Inicialmente, ele pretendia servir apenas como um hospital temporário durante a epidemia. A quarentena afligia parisienses que poderiam estar contagiosos. Para saber mais, acesse: <https://www.aviewoncities.com/paris/hopitalstlouis.htm> Acesso em 11 nov 2019.

automóveis-ambulâncias existentes eram do Barão Rothschild e, outro de uma associação *Societés Savantes*; essas duas automóveis-ambulâncias não apresentavam vantagens, apenas a presença do dispositivo motor (POSSOLLO, 1907).

Ressalta-se que, à época, a padiola era uma das maneiras de se transportar um doente, ferido em situação de emergência, confeccionada, normalmente, de lona ou tecido grosso, com duas varas de madeiras. Em algumas vezes, pode ser visualizada no contexto, de guerra, quando feridos eram transportados de um lugar para o outro. Referente aos homens que ostentam a padiola, estes eram chamados de padioleiros. Os padioleiros eram instruídos em relação aos socorros de urgência, pois eram os primeiros a entrarem em contato com os feridos em situação de emergência (SANTOS, 1928).

4.5.2 – Contexto Brasileiro

As influências francesas estiveram, fortemente, evidentes nas mudanças promovidas no Rio de Janeiro, tanto no aspecto estrutural da cidade, quanto nas condutas e na reconfiguração do *habitus* que seriam seguidos pela população carioca, inspirados nas reformas promovidas por Hausmann.

O governo recém-empossado (1902-1906) iniciava a reurbanização desejada pelo prefeito Pereira Passos e as medidas para remodelação, embelezamento e melhoramento das questões sanitárias eram postas em prática.

Impressos da época e analisados nas dependências do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro apontaram que Diretoria Geral de Saúde Pública³³ “pensou” em encomendar auto ambulância para o serviço de socorro médico (1897). Porém, as condições financeiras e sua diretoria determinaram a preferência pelo carro de *Deprez*³⁴. A carreta de socorro como era mencionada, era guiada por enfermeiro³⁵ e acompanhada de perto por acadêmico de medicina, caracterizada por ser de extrema urgência, contribuía para o conforto e a esperança pelo enfermo (BR RJAGCRJ PDF DCA 39.4.1).

³³ A Diretoria Geral de Saúde Pública foi criada em fevereiro de 1897, como resultado da unificação dos serviços de higiene executados pelo Instituto Sanitário Federal e a Inspetoria Geral da Saúde dos Portos. A sua sede era na capital federal, ficando subordinada ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Para saber mais, acesse: http://www.projetomemoria.art.br/OswaldoCruz/saibamais/cur_12.html Acesso em 05 nov 2019.

³⁴ Associado ao cientista francês Marcel Depréz 1843 – 1918, era um meio de transporte desenvolvido a energia gama. Para saber mais, acesse: <http://www.dee.ufrj.br/Museu/deprez.html> Acesso em 11 nov 2019

³⁵ O termo utilizado, à época, era destinado ao corpo auxiliar destinado a prestação de serviços ao doente e ao médico (POSSOLLO, 1920).

Os agentes do governo forneciam instruções às brigadas de mata-mosquitos, no que tange as áreas geográficas e dados epidemiológicos, que percorriam as ruas neutralizando depósitos de água com larvas de mosquito. Outros agentes expurgavam com enxofre e piretro³⁶ as casas, depois de cobri-las com imensos panos de algodão, para matar os mosquitos adultos. Logo a seguir, Oswaldo Cruz voltou-se para a peste bubônica, cujo combate exigia a exterminação de ratos e pulgas e, a limpeza e desinfecção de ruas e casas.

A desratização da cidade resultou na emissão de centenas de intimações a proprietários de imóveis para que removessem entulhos e executassem reformas, sobretudo a impermeabilização do solo e a supressão de porões (BENCHIMOL, 2003). Para prevenir resistências dos moradores, as brigadas eram sempre acompanhadas de soldados da polícia. Os alvos preferidos das visitas eram as áreas mais pobres e de maior densidade demográfica (CARVALHO, 2005).

As ações da Diretoria Geral de Saúde Pública não foram bem recebidas pela população, em especial pelos proprietários de casas de cômodos e cortiços considerados anti-higiênicos, obrigados a reformá-los ou demolí-los e pelos inquilinos forçados a receber os empregados da saúde pública, a sair das casas para desinfecções, ou mesmo a abandonar a habitação quando condenada à demolição (CARVALHO, 2005).

Oswaldo Cruz foi o responsável por instituir a obrigatoriedade da vacinação em outubro de 1904 em virtude das constantes epidemias de varíola e febre amarela. A campanha de vacinação realizada em novembro do mesmo ano, de forma autoritária, sob o comando do referido médico, permitindo aos agentes de saúde a invasão de domicílios e a aplicação da vacina à força. A população da cidade rebelou-se contra a imposição da vacinação e a crise de habitação, quebrando bondes e atacando prédios públicos. Esta rebelião ficou conhecida como Revolta da Vacina (SEVCENKO, 1999).

O estopim da revolta foi a publicação de um projeto de regulamentação da aplicação da vacina obrigatória no jornal *A Notícia*, em 9 de janeiro de 1904. Este exigia comprovantes de vacinação para a realização de matrículas nas escolas, para obtenção de empregos, viagens, hospedagens e casamentos. Previa-se, também, o pagamento de multas para quem resistisse à vacinação (SILVA, 2018).

³⁶ O termo utilizado refere-se a um inseticida, também utilizado como repelente natural. Para saber mais, acesse: <http://www.lideragronomia.com.br/2012/08/piretro.html>. Acesso em 01 maio 2019.

Quando a proposta vazou para a imprensa, o povo indignado e contrariado iniciou uma série de conflitos e manifestações que se estenderam por cerca de uma semana. Embora a vacinação obrigatória tenha sido o deflagrador da revolta, logo os protestos passaram a se dirigir aos serviços públicos em geral e aos representantes do governo, em especial contra as forças repressivas (HOCHMAN, 2011).

Um grupo de militares florianistas e positivistas, com o apoio de alguns setores civis, tentou se aproveitar do descontentamento popular para realizar um golpe de Estado na madrugada do dia 14 para o dia 15 de novembro, que, no entanto, foi derrotado. No dia 16 de novembro, foi decretado o estado de sítio e a suspensão da vacinação obrigatória. Dada à repressão sistemática e extinta a causa deflagradora, o movimento foi refluindo (SEVCENKO, 1999).

A partir da implementação dos projetos de revitalização da cidade, ocorreu a abertura da Avenida Central, momento esse, que se inicia o trânsito de veículos pelas vias públicas. Nesse contexto, o automóvel ambulância chega ao Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro, o primeiro serviço público regular para prestar socorros médicos utilizando, inclusive, automóvel-ambulância foi inaugurado em 1904. Este veículo era equipado com duas camas-padiolas ou macas-portáteis, que eram retiradas para recolherem os doentes ou feridos. As vítimas eram socorridas no próprio local. Em casos mais graves, ou quando se exigia intervenção cirúrgica, eram levadas para o Posto de Assistência, ou mesmo transportada para hospitais (COHEN & GORBERG, 2009).

A assertiva mencionada é sustentada pela obra “Uma viagem à Europa”, elaborada em 1904 e publicada em meados de 1907, que traduzia em relatório as impressões do médico Adolpho Possollo sobre sua viagem ao Velho Mundo para visitação aos centros de saúde mais renomados. Após as citações sobre os hospitais visitados na Europa, o autor discorre sobre carros-ambulâncias-automóveis. Foi abordado que o país necessitaria dessa inovação e, que esse marco caberia à Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, sendo a primeira a possuir um automóvel ambulância para o transporte de feridos, sendo chamada de *modelo si*.

A associação comerciária, uma das pioneiras e mais densas na prestação de serviços de assistência médica e odontológica em um tempo que o Brasil era carente de direitos trabalhistas. Esta teve ação secular na filantropia e beneficência nas atividades clínicas em

favor dos seus associados e também da comunidade carioca, quando agudos problemas se fizeram presentes (ROCHA, 1980).

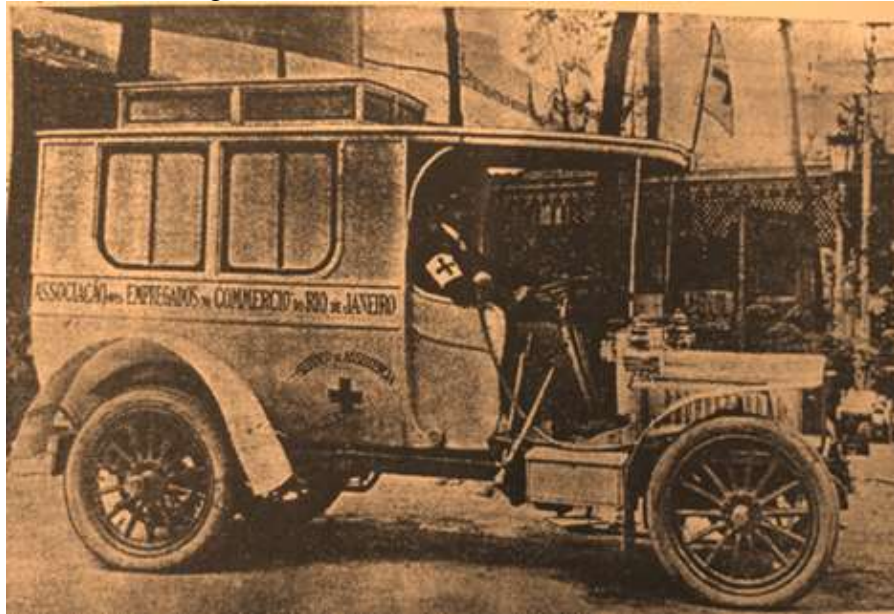
De acordo com Rocha (1980) os arquivos dessa associação revelam o seu apoio em campanhas sanitárias de caráter geral e àquelas relacionadas à classe dos comerciários, como a Campanha da Vacina Antivariótica, Campanha da Vacina Antipestosa e Campanha contra Febre Amarela na primeira década do século XX. Deste modo, ocorre a criação de 15 (quinze) postos de vacinação na própria associação, dificuldades de aceitação da medida de vacinação pela população, assunto causador de tensões na sociedade e, plena solidariedade às ideias e objetivos de Oswaldo Cruz pela associação.

Na obra “Um Século” (1980) revela-se a trajetória de lutas e ações dessa renomada associação, mencionando, em especial, a criação da Seção de Cariedade para atendimento médico na via pública e, medidas para aquisição do automóvel ambulância em setembro de 1904, destinado ao serviço de Auto Socorro, pioneiro na capital do país. Deste modo, a Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro financiou a construção das ambulâncias motorizadas (POSSOLLO, 1907).

Em dezembro de 1905, ocorreu a inauguração do automóvel ambulância com base nos registros dessa associação na obra de Valdir da Rocha (1980). Em dado momento, alguns autores refletem a inauguração em 1904, já a AECRJ e Adolpho Possollo, através da publicação realizada na Revista Brazil-Médico “Transporte de Doente – Principalmente Feridos”, mencionam a inauguração em 1905, ou seja, no período de Pereira Passos. .

Possollo (1907) afirma na publicação que foi apresentada ao Congresso Científico Latino Americano (1905) que havia recebido a determinação honrosa da Associação dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro, como ele mesmo se referia, de presidir a fabricação desse veículo para o serviço de transporte de doentes, que seria construído em Paris, sob as indicações apontadas em um relatório enviado à associação referente às suas impressões de viagem ao Velho Mundo. O médico expressou em sua publicação a coincidência da chegada do carro fabricado no mesmo período de realização do congresso científico.

Figura nº 1 – Automóvel ambulância



Sem legenda

Fonte: Publicações do “Brazil-Médico” – Transporte de Doentes (1907)

A figura nº 1 traduz o automóvel ambulância desejado por Adolpho Possollo e fabricado com o subvencionamento pela AECRJ para a capital federal. É possível identificar sob o olhar para a imagem um artefato automóvel e um homem. O homem encontra-se sentado e traja quepe na cabeça, roupa e sapatos na cor escura e, no braço na cor clara possui um braçal com o símbolo da cruz. Pode-se inferir que o homem na ambulância ocupa a função de padioleiro³⁷. Esses receberam determinada nomenclatura a partir de um tipo de maca para transporte de doentes chamada padiola. Esses padioleiros eram instruídos em relação aos socorros de urgência, sendo os primeiros a entrarem em contato com os feridos/acidentados em via pública em situação de emergência. O automóvel possui três elementos simbólicos de relevância, a saber: duas inscrições “Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro” e “Serviço de Assistência”, e abaixo o símbolo de uma cruz na cor escura.

Os três elementos simbólicos ao serem articulados – as duas inscrições na ambulância e o símbolo da cruz - utilizada como capital político, demonstravam competência institucional que propagava o entendimento de recursos utilizados para apresentar a visibilidade pretendida pela Associação em um momento de crise econômica e social da cidade.

³⁷ Padioleiros eram homens que transportavam feridos, através de padiolas, uma tipificação de maca desde dos idos de 1792. Disponível em: <http://museuvirtualfeb.blogspot.com/2013/08/o-que-os-padioleiros-da-feblevavam.html> Acesso em 01 nov 2019.

Cabe registrar que o símbolo da cruz, como marca, era regulamentado pela Convenção de Genebra de 1864³⁸, e sua representação na cor vermelha em um fundo branco em equipamentos ou transporte de equipe médica era autorizada. Nesse momento, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha³⁹, criado em 1863, desenvolvia ações a fim de garantir a proteção e a assistência às vítimas de conflitos armados e tensões, incentivava a aplicação do Direito Internacional Humanitário (DIH) e promovia o seu respeito por parte dos governos e de todos os portadores de armas.

Diante disto, os símbolos da cruz no automóvel e no braçal do homem creditavam confiança, com influência da Cruz Vermelha Internacional. Lembrando que à época ela era detentora de poder e prestígio no mundo pelos serviços prestados, em especial, na formação de homens para às técnicas de transporte a serem adotadas na modalidade de atendimento (SANTOS, 1928).

Os veículos automobilísticos circulavam na cidade e traziam novidade e admiração e ao mesmo tempo medo pela velocidade, sendo permitido o máximo de 30 km/h⁴⁰. A inserção deste novo artefato para ações no campo da saúde, no que tange ao transporte de doentes construía uma nova cultura na sociedade. Esta novidade corroborava com os objetivos do prefeito Pereira Passos de introduzir uma nova cultura na capital federal à luz dos conceitos de capital político, econômico, social e cultural do sociólogo Pierre Bourdieu.

O capital econômico, sob a forma dos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e do conjunto de bens econômicos (dinheiro, patrimônio, bens materiais) é acumulado, reproduzido e ampliado por meio de estratégias específicas de investimento econômico dado a ele e de outros relacionados a investimentos culturais e à obtenção ou manutenção de relações sociais que podem possibilitar o estabelecimento de vínculos, economicamente, úteis, a curto e longo prazo (BOURDIEU, 1989). Assim, a gestão do prefeito Pereira Passos em conjunto com o apoio e solidariedade da associação comerciária implementaram às campanhas sanitárias, instalação de postos de vacinação bem como a

³⁸ A conferência diplomática tinha o objetivo de adotar uma convenção para tratamento de soldados feridos em combate. Os princípios fundamentais definidos na Convenção e mantidos pelas convenções posteriores de Genebra estipulavam a obrigação de ampliar a assistência, sem discriminação, para equipe militar doente e ferida e o respeito à identificação no transporte de equipe médica e equipamentos com o sinal específico da cruz vermelha sobre um fundo branco.

³⁹ Para saber mais, acesse: <https://www.icrc.org/pt>. Acesso 29 fev 2020.

⁴⁰ Para saber mais, acesse <https://www.portalsaofrancisco.com.br/automoveis/historia-do-automovel> Acesso em 20 dez 2019.

aquisição de automóvel ambulância e correspondiam à capacidade de recursos financeiros e posses dessa gestão, configurando o capital econômico do distrito federal.

Para o sociólogo, o conceito de capital em uma análise social refere-se não apenas à sua forma econômica, mas também à sua forma cultural. O capital social é relacionado aos benefícios mediados pelas redes extrafamiliares e às lutas concorrenciais entre indivíduos ou grupos no interior de diferentes campos sociais (BONAMINO et al., 2010).

Portanto, as chances que os agentes têm de acumular ou de reproduzir capital social dependem de sua posição dentro do sistema de estratificação (ORTIZ, 1983). Para tanto, a introdução de automóvel ambulância traduzia um prestígio para a cidade, principalmente, para o governo em alcançar o mesmo feito de outros países como França e Alemanha, com merecido sucesso reconhecido em exposição automobilística realizada em Paris de 1906.

Sob a análise do capital cultural, Bourdieu (1979) versa que o mesmo surge da necessidade de se compreender as desigualdades de desempenho dos indivíduos oriundos de diferentes grupos sociais. Desta maneira, a nova cultura das ambulâncias propagou na sociedade o conceito de capital cultural, com o conhecimento de um novo modelo de assistência e transporte aos feridos em vias públicas, conhecimento de novos materiais, possivelmente, utilizados na prestação do cuidado.

Bourdieu (1996) classifica que este capital simbólico gerava desdobramentos em virtudes das profundas transformações. A cidade e a população passavam, com conseqüente visibilidade e prestígio do governo pela fabricação e inserção da automóvel ambulância para transporte dos feridos em vias públicas, transformando o cenário da cidade em um local moderno e notoriedade da caridosa associação de empregados por participar da aquisição desse novo modelo de assistência com subsídios financeiros, apontando o domínio econômico da classe comerciária.

A inauguração do automóvel ambulância foi mais um acontecimento positivo no processo modernizador, realizado por Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro, provocando a reconfiguração cultural e do *habitus* da população frente ao novo modelo de atendimento à urgências em vias públicas pelas rodas dos automóveis e não pela tração animal.

Em apreço a demonstração de competência econômica e organizacional por parte da associação imprimiu determinado poder simbólico frente à sociedade com a internalização e aceitação de que a classe comerciária despontava como uma organização em pleno crescimento e poder. Logo, a sociedade deveria admití-la como um grupo de grandes

empresários, o que levaria a um prestígio no cenário político com expansão de ações que culminariam em futuras políticas previdenciárias à saúde como os Institutos de Assistência Previdenciária (IAPs) e as Caixas de Aposentadorias e Pensões⁴¹.

4.6 - Síntese da Seção

Na presente seção abordou-se diversos acontecimentos referentes à cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, no que tange a reurbanização da capital federal na gestão de Pereira Passos de forma cronológica para o entendimento do leitor.

Em relação ao campo da saúde, a seção expôs a necessidade de combater a determinadas moléstias, medidas autoritárias para enfrentar as epidemias e o movimento conhecido como Revolta da Vacina.

O governo de Pereira Passos empenhou esforços para a modernização do serviço de transporte de doentes, por meio de automóvel ambulância, a partir do século XX. Isto, evidenciou a compra de ambulâncias com base nos subsídios da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro (AECRJ).

⁴¹ Os sistemas previdenciários podem diferir de uma sociedade para outra, pois fatores de ordem política, econômica, social e cultural interferem na história de sua formação e desenvolvimento, mas em todas possuem uma função comum: assistir com recursos financeiros a população adulta quando afastada do mercado de trabalho, por motivos alheios à sua vontade, como doença, invalidez e idade avançada. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000300004 Acesso em 05 nov 2019

SEÇÃO V

AUTOMÓVEL AMBULÂNCIA: O OLHAR DAS MÍDIAS IMPRESSAS

5.1 – Introdução

Nesta seção, iremos abordar os aspectos estruturais relacionadas à construção do artefato automóvel ambulância pelos achados da pesquisa. A discussão percorreu com base nas tecnologias utilizadas e seus efeitos no contexto de Revolução Industrial por meio do uso das lentes fotográficas para difundir o novo modelo de assistência. As noções do sociólogo Pierre Bourdieu de *habitus* e efeito de lugar foram entrelaçadas à discussão proposta afim de demonstrar a reconfiguração na sociedade da época frente às mudanças realizadas no campo da saúde.

5.2 – Aspectos estruturais: a tecnologia para urgências

O primeiro automóvel ambulância a ser fabricado para Rio de Janeiro deveria obedecer ao plano exposto por Possollo (1907) na obra “Uma Viagem à Europa”, com base nas impressões obtidas por ele na visita aos centros de saúde de países da Europa e da América do Norte.

O relatório expressava, detalhadamente, que o motor deveria ter a quinta mola, transversalmente alocada sobre as duas anteriores, de modo a tornar mais suave o deslocamento do carro. Presença de uma caixa de comprimento de 1,90 m, de largura de 1,35m e de altura 1,48m internamente. O chão do artefato deveria ser revestido de zinco pintado à esmalta branca, bem como o teto, sendo esse sobrepujado por um sobretelhado provido lateralmente de vidros opacos móveis, de modo a permitirem maior ventilação interior.

De cada lado havia de existir duas janelas com caixilhos de vidros opacos que se podem abrir lateralmente . A parede anterior do automóvel deveria conter uma janela igualmente revestida de vidro opaco e fixa para comunicação com o condutor. As portas deveriam ser colocadas na parte posterior de modo que abram de par em par, externamente, e em toda largura do carro.

A padiola ficaria disposta no interior do artefato, ao lado direito. À esquerda e na parte anterior, um pequeno armário deveria ocupar toda altura do carro e, destinado ao transporte de material necessário ao primeiro curativo e acessórios indispensáveis a um carro de socorros a

feridos. Do mesmo lado esquerdo, dois assentos móveis deveriam estar dispostos, destinado ao médico e ao enfermeiro. O interior do carro não acumulava poeira, era iluminado por lâmpada elétrica.

A padiola deveria possuir armação de tubos de ferro pintado à esmaltina branca e o centro constituído por uma placa de alumínio perfurada. A parte destinada à cabeça deveria ser móvel, prendendo-se a diversas alturas por meio de uma cremalheira. Os pés curtos da padiola deveriam ser munidos de rodas que corressem sobre dois trilhos fixos no chão do carro e sobre os quais aquela desliza, permitindo a instalação fácil e suave do enfermo no interior do carro.

Perfeitamente lavável, por soluções antissépticas, condição indispensável, seria coberta com um simples lençol e receberia o doente no próprio local do acidente, conduzindo-o até seu próprio leito ou até a mesa de operações.

De acordo com a fabricação, o automóvel ambulância poderia ser conservado nas melhores condições de limpeza. No interior, o doente não iria desacompanhado e, sim com médico, um enfermeiro e os recursos de urgência transportado no armário.

Desta forma, preenchidas as exigências expressas, seria desenvolvido um serviço de assistência aos feridos bem organizado. E assim, aconteceu. A Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro adotou medidas para aquisição do automóvel ambulância junto à gestão do prefeito Pereira Passos, fornecendo subsídios financeiros para tal feito.

Assim, essa associação determinou que o Dr Adolpho Possollo presidisse a fabricação deste veículo, que foi construído em Paris sob as indicações expressas do referido médico, no relatório entregue à essa associação nesse mesmo período. A empresa responsável por essa construção foi a reconhecida *Casa Delahaye*⁴².

A descrição do carro construído em Paris foi expressa, de forma sucinta, no estudo de Possollo (1907) publicado na revista voltada para assuntos de medicina, a *Brazil-Médico*, da seguinte forma: automóvel movido à petróleo e composto de grande caixa com duas janelas laterais que se moviam no sentido vertical e munidas de vidros opacos, grande janela anterior,

⁴² Empresa automobilística francesa, fundada por Émile Delahaye em 1894 em Tours e extinta em 1954 . Era especializada na construção de automóveis de luxo, veículos pesados e viaturas de combate a incêndios. (HULL, 1974)

fixa, com vidros opacos também, presença de porta no fundo que se abriam em duas folhas para o exterior e ocupava a largura de todo o veículo.

No teto havia um sobretelhado, rasgado lateralmente no espaço de elevação por vãos munidos de venezianas móveis. O chão era revestido de zinco pintado a óleo, já o interior, paredes e teto eram pintados com esmaltina branca. À esquerda, estava instalada a padiola com armação de tubos de ferro fundido, o leito era formado por placa de alumínio perfurada, com conformação do corpo; adaptação da padiola no carro era feita por meio de rodas que deslizam no trilho fixado no chão do veículo.

Havia presença de dois assentos de madeira, móveis e destinados aos profissionais médico e enfermeiro do lado direito do artefato. Nesse mesmo lado, na parte anterior, havia um armário fixo, que possuía em seu interior gazes esterilizadas, algodão asséptico, ataduras, soro fisiológico esterilizado, tesoura de curativo, pinças de hemostasia, tira de *Esmach*, seringas para injeções hipodérmicas, água, etc. Este interior era iluminado por uma lâmpada elétrica para serviço noturno. As molas do carro mereciam especial atenção em virtude de tornar mais suaves os movimentos do veículo, amortecidos por rodas com grossos pneumáticos.

A partir de um meio de transporte para feridos bem organizado, a prestação de atendimento deveria satisfazer as condições sanitárias e científicas, a saber: rapidez da chegada de pessoal de socorro ao local do acidente; o curativo ligeiro e cuidados de proteção dispensados *in loco* antes da remoção; após, instalação do ferido em uma padiola para colocação no carro e encaminhamento ao leito ou à mesa de operações e curativos, sendo tal a disposição dela que permita a lavagem completa e, mesmo desinfecção, se for necessária; vigilância do ferido no trajeto; rapidez deste e conforto na tração; transladação do doente da padiola para o leito ou para mesa de curativos ou operações, com os mesmos cuidados que presidiram à sua colocação na maca, administrando-se-lhe o anestésico na própria padiola, caso tenha de sujeitar-se a operação ou longo curativo (POSSOLLO, 1907).

Ademais, o autor citava a importância de um carro para transporte que fosse seguro, com tração para posicionamento da padiola de modo a não realizar movimentos bruscos que prejudicassem o doente.

Destarte, a composição para o interior da ambulância era evidenciada pelos dois documentos emitidos por Adolpho Possollo, um referente à dezembro de 1904 e outro datado

de agosto de 1905. Eles noticiaram a estrutura e materiais necessários para a criação desse artefato, de forma efetiva, para atendimento e transporte de doentes, em caso emergencial, em vias públicas.

A presença dos materiais bem como sua utilização traduzia o uso de tecnologias⁴³ advindas com século XX, período de profundas mudanças em todo o mundo e expressivas inovações como o automóvel, o telefone, motores à combustão.

Com base no parágrafo anterior as tecnologias inseridas na capital federal refletiam a tríade de objetivos da gestão do prefeito Pereira Passos, com articulações realizadas nos campos da saúde, construção civil e cultura, inspirada na reforma urbanística da capital francesa.

Nesse panorama traçavam-se as principais diferenças entre as ambulâncias de tração animal e as movidas a motor com combustível. O transporte com uso de animais era o mais antigo usado pelo ser humano, pois o ato de um quadrúpede mover um veículo (carroça, carruagem etc.) ou um aparelho (como um moinho, por exemplo) imputa um tipo primitivo e inseguro.

A partir da Revolução Industrial, substituíram-se as manufaturas e a produção artesanal e acentuou o aumento da produção de mercadorias. Com os animais não foi diferente, grande parte foram substituídos nessa função pelas máquinas e motores, propiciando mais velocidade (BATISTA, 2014).

Com o desenvolvimento industrial e a reforma urbana na capital federal, as paisagens urbanas foram se transformando radicalmente: uma rápida urbanização acontecia, saía “de cena” o animal que relinchava e transportava pessoas, para o protagonismo dos veículos automobilísticos, com motores a base de combustível, em especial o automóvel ambulância.

Os efeitos da tecnologia em um contexto de Revolução Industrial, implicavam na aquisição do automóvel ambulância e uso de combustível, além de contribuir para a diminuição de dejetos de animais na cidade, por consequência um ambiente mais limpo e

⁴³ O termo tecnologia, de origem grega, é formado por tekne (“arte, técnica ou ofício”) e por logos (“conjunto de saberes”). Foi utilizado para definir os conhecimentos que permitem fabricar objetos e modificar o meio ambiente, com vista a satisfazer as necessidades humanas (PIVA JUNIOR, 2013, p.19).

menos aspecto de capital interiorana, com hábitos rudimentares e paisagens sem refinamento. Essas transformações estabeleciam o cobiçado caminho da capital federal rumo ao progresso, a substituição de entulhos de uma cidade suja e insalubre para a beleza e modernidade que se almejava.

Segundo Bourdieu (2012, p.32) o *habitus* é “um sistema de disposições duráveis e estruturadas de acordo com o meio social dos sujeitos, responsável por gerar e estruturar as práticas e as representações”. A nova cultura para o uso de automóvel ambulância em socorro de urgência originava uma mudança comportamental da sociedade, imprimindo um novo entendimento através costumes e condutas modificadas da existência de um bom serviço para a população, propiciando a reconfiguração. Tornava-se visível que *habitus* secundários iam sendo adquiridos na gestão de Pereira Passos, fortalecendo os objetivos impostos pelo presidente à época.

O zelo na prestação da assistência à saúde e no transporte de feridos em vias públicas se estendeu pela gestão de Pereira Passos, evidenciado nos impressos existentes sobre a sua gestão no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, onde se identificou o Decreto nº 383⁴⁴ de 31 de janeiro de 1903 que criava na capital da República o Posto Central de Assistência Pública, com construção iniciada em 1906 e inauguração em 1907 na Rua Camerino – região central da cidade.

O posto deveria ser provido de ambulâncias para o transporte de doentes, material cirúrgico e medicamentos necessários a socorros urgentes aos indivíduos, vítimas de acidentes tanto na via pública quanto nos domicílios. Em 1906, documentações avulsas⁴⁵ retratavam a expedição de verbas para aquisição de automóveis ambulâncias para o Serviço de Assistência Pública, através de concorrência pública, na qual se afinou a Casa Moreno, único depósito de artigos dentários, cirurgia, ótica, cutelaria e farmácia, com localização na Rua do Ouvidor, nº 114.

⁴⁴ Decreto assinado na gestão do Prefeito Francisco Pereira Passos. Disponível em: BR RJAGCRJ PDF DCA 39.4.2 Coleção Prefeitura Distrito Federal - Série Documentação Avulsa Assistência (3º vol).

⁴⁵ Material pesquisado no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ) que possuía a designação de Documentação Avulsa, sendo catalogadas por ano e dispostas em caixas. Utilizadas as referentes aos anos de 1893-1903 e 1903-1910, aplicando os critérios estabelecidos.

5.3 – Lente fotográfica para difundir o automóvel ambulância

Para Oliveira e Galiard (2007) os objetivos específicos da mídia correspondem a informar, persuadir ou entreter. Para que estas intenções sejam alcançadas, muitos jornalistas revelam astúcia no uso das linguagens, ponderando, quase sempre, a percepção do público receptor que poderá, ou não, interpretar a mensagem almejada.

Mosaico nº 1: Estratégias para adesão ao Automóvel ambulância

Figura nº 2: Chegada da ambulância

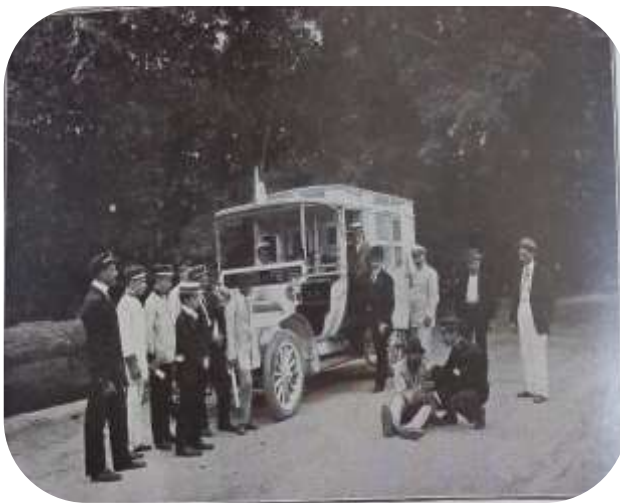


Figura nº 3: Pronto Socorro



Figura nº 4: Atendimento prestado ao ferido



Legenda referente ao Mosaico nº 1:

Figura 2 = Posto Central de Assistência – Chegada da ambulância no lugar do acidente

Figura 3 = Posto Central de Assistência Pública – Pronto Socorro

Figura 4 = Posto Central de Assistência Colocação de maca no auto-ambulância

Fonte: Livro “Assistencia Pública e Privada no Rio de Janeiro: historia e estatística: comemoração do Centenário da Independencia Nacional”, 1922.

A figura nº 2 retrata o “Posto Central de Assistencia- Chegada da ambulância no lugar do acidente”. A foto é do tipo posada, o formato é retangular, no plano central, sentido horizontal. A imagem está localizada no meio da página, de forma lateralizada à esquerda, o local retratado é um campo aberto, fundo natural e externo, com presença de arbustos. Presença de 14 (quatorze) homens e um adolescente do sexo masculino. O tema da imagem retratada é “Assistindo ao acidentado com as ambulâncias”. Sobre a descrição da esquerda para a direita: presença de 07 (sete) pessoas trajando paletós e calças escuras, incluindo o adolescente que usava terno escuro e chapéu claro. Um homem situado à direita utilizava paletó escuro, calça clara e chapéu claro. Presença de 06 (seis) homens vestindo paletós claros, sendo 03 (três) com calças claras também, 01 (um) homem trajando calça escura e presença de 02 homens os quais não visualiza-se as demais vestimentas destes.

O condutor usa chapéu claro com borda de cor escura. O acidentado usa roupas de cor clara e chapéu escuro. O automóvel ambulância está parado em uma via pública, em ambiente externo e bastante arborizado. O artefato é de cor clara, com prováveis rodas com pneumáticos, possui janelas laterais, e um dispositivo claro preso no teto do veículo pela parte externa.

A figura nº 3 retrata uma via pública arborizada, presença de homens ao redor de um ferido sob a maca, com presença de uma criança do sexo feminino e duas do sexo masculino. Uma ambulância de cor clara se encontra parada ao fundo. O tema da imagem retratada é “A assistência ao ferido em via pública com ambulâncias”. Todos os homens estão com ternos (5 claros e os demais escuros) e usam chapéus.

A mulher à esquerda da imagem usava blusa clara com saia longa mais escura, levando algum artefato à boca de cor escura e fina. A menina usava vestido aparentemente de tecido mostarda e observa a cena. Todos usam sapatos escuros exceto um homem à direita. Um homem condutor da ambulância usa traje de cor clara e chapéu claro. No que tange a paisagem, o fundo arborizado em uma via pública com chão claro. Há um muro de altura média ao fundo à esquerda. A ambulância clara com janela lateral, presença de uma bandeira no alto de fundo claro e traços aparentemente avermelhados.

A figura nº 4 retrata “Posto Central de Assistencia - Collocação da maca no auto ambulancia”. A foto é do tipo posada, formato: retangular, o plano é central, sentido horizontal. A imagem se localiza na parte mais baixa da página e centralizada. O local

retratado é um campo aberto, de fundo natural e externo. Presença de 20 (vinte) homens e 02 (duas) crianças. O tema da imagem retratada é a “inserção do acidentado na ambulância”.

Sobre a descrição da esquerda para direita: presença de 14 (quatorze) homens com trajes escuros, desses 10 (dez) utilizam chapéus escuros; 04 (quatro) homens trajam roupa clara com chapéus claros. As duas crianças são do sexo feminino, sendo que uma traja roupas, sapatos e chapéu escuro, sendo a blusa na cor clara. E a outra traja calça e blusa de manga longa de tons mais claros, sapatos e chapéu mais escuros. Os dois padiolos sustentam a maca com o “doente”, com roupas e chapéu de cor clara e sapatos escuros. O local é arborizado, com chão de cor clara. A ambulância encontra-se parada com as portas anteriores abertas, por onde o “doente” entrará de maca.

A partir da definição e análise das figuras em face da matriz imagética de Porto (2007) caminhou-se para a descrição dos atributos pertencentes aos atores em cena, caracterizando as indumentárias e vestimentas das pessoas, suas gestualidades, questões ambientais, temporalidade e presença de objetos complementares iluminados pelos conceitos do sociólogo Pierre Bourdieu.

Correlacionando-as sugere-se que haja uma sequência iconográfica com sentido de atendimento prestado em via pública pela ambulância e pelo(s) profissional(is) que a conduz. Contudo, em observação prescrutada é possível inferir que se tratava do mesmo local das imagens anteriores ou os espaços são bem similares pelos atributos da paisagem e a utilização de recursos pictorialísticos.

O fato é considerado um movimento de reação conservadora à industrialização e à massificação da fotografia. Por isso mesmo, seus ideais ajustavam-se perfeitamente aos desejos dos fotógrafos que se reuniam em associações fotoclubísticas. Foi principalmente nesse ambiente que, no Brasil, o pictorialismo ganhou força (PEGORARO, 2010).

O desenvolvimento da técnica fotográfica associado aos novos processos como a goma bicromatada e o bromóleo, permitiram controlar as tonalidades, introduzir luzes e sombras e remover detalhes que parecem muito descritivos. Muitos desses efeitos são acompanhados da utilização de pincéis, escovas, raspadeiras e até dos próprios dedos, com o objetivo de alterar as formas do que foi fotografado (MELLO, 1998).

A imagem, por sua vez, garantia um *status* e um alcance ao leitor, sobre a informação dupla: aquilo que se lê e se vê. “O jornalismo como instrumento panfletário de convencimento

político caracterizaria ainda por muito tempo a imprensa brasileira”, ressaltam Romancini e Lago (2007, p. 40).

No entanto, pode se inferir que as transformações ocorridas com a chegada de ambulâncias equipadas na capital federal, durante a gestão do prefeito Pereira Passos, não receberam expressiva divulgação nas mídias impressas. O fato estava, intrinsecamente, ligado aos movimentos populacionais em reação ao governo devido às medidas repressivas de vacinação forçada, invasão de domicílios, tentativa de golpe do governo e estado de sítio. Por consequência, a classe pobre não depositava credibilidade nesse novo modelo de atendimento, que não era noticiado nas imprensas midiáticas e, sem repercursão nas rodas de conversas populares.

A melhoria física da cidade estava em fase de construção por meio da reforma e saneamento urbano. Edificações foram destruídas, logo seus moradores expulsos, dando lugar a novas ruas e avenidas. Outras construções foram erguidas em alusão às edificações europeias, de maneira a proporcionar uniformidade das arquiteturas no centro da cidade. Arborização e ajardinamentos foram inseridos no paisagismo como estratégias para suavizar o aspecto do ambiente com a natureza a partir dos moldes franceses baseados nos *boulevards*.

A sequência imagética das figuras nº 2, 3 e 4 apontou a aceitação para o novo tipo de atendimento de urgência bem como as mudanças de comportamento apresentadas pela população e, que estavam inseridas no projeto do prefeito da época. Assim, instituiu e ofereceu, à elite e a burguesia emergente, novos *habitus* entendidos como um processo transformador na maneira de se agir frente à uma nova cultura e aquisição de novos conhecimentos.

Os costumes coloniais e grotescos foram esquecidos, o adjetivo de incivilizados saiu de cena, e os novos *habitus* instituídos à população ganharam notoriedade no recente ambiente construído. Além disso, os diversos costumes franceses trazidos pela alta classe da sociedade para a cidade (Kok, 2005) fortaleceram a cultura carioca e demonstraram a necessidade e o desejo de um ambiente cultural e moderno, ao Rio de Janeiro, como forma de completar a cidade reconstruída.

O aperfeiçoamento das condutas, necessárias à modernização da cidade e da sociedade, se mostravam presentes através das novas formas de se vestir e pentear, uso de chapéus, passeios em carruagens e bicicleta, utilização de escarradeiras para cuspir e de

banheiros públicos para defecar e urinar. Estas medidas foram implementadas em face aos novos comportamentos instituídos pelo prefeito, inferindo um capital cultural à sociedade (BOURDIEU, 1983). Portanto, os novos *habitus* foram compreendidos ao idealizar um “padrão” de moral e de costumes, que devia, auxiliar a civilização e o progresso (ELIAS, 1994).

A inspiração do prefeito Pereira Passos em modernizar a cidade, promover o saneamento e embelezamento da mesma ocorreu nos ares franceses, com o intuito de equiparação da cidade do Rio de Janeiro a Paris. Portanto, o ambiente físico estava edificado para o desfrute da sociedade carioca. Visualmente, observamos a modernidade e beleza do Rio de Janeiro em alusão à França e o cumprimento de dois eixos do plano de gestão do prefeito: embelezamento e abertura de avenida, o que possibilitou o tráfego de veículos (SILVA, 2018).

Pensar nessa lógica de mudanças de comportamento, novas culturas e inserção de automóvel ambulância no Rio de Janeiro implicaram em uma reconfiguração do *habitus* para a sociedade, o remodelamento da cidade e a esperança de uma sociedade próspera, corroborando com a proposta do prefeito Pereira Passos. Por outro lado, não bastava apresentar a ambulância, era necessário mostrar que ela era a possibilidade de um atendimento de urgência eficiente e eficaz para os cuidados a serem prestados. Assim, a obra de Ataulfo de Paiva possuía 03 (três) imagens, que foram dispostas através do Mosaico 1 no sentido de encadeamento de ações.

A demonstração do cuidado prestado pode ser entendido como uma mudança da cultura para esse tipo de cuidado. Este trata-se de valores, crenças e atitude que as pessoas adotam. O desenvolvimento da cultura dos cuidados se baseia numa mudança de paradigma no sentido de produzir uma transformação mais participativa possível na forma de pensar, sentir-se e agir de modo que a parte das competências da proficiência na implicação ativa das pessoas, tanto individual como grupalmente, é necessário que haja uma mudança interna e externa. Essa mudança de pensamento, na forma do olhar e do prestar um cuidado deve ser considerado uma reconfiguração da assistência prestada no socorro em vias públicas.

As imagens em mosaico sofreram o processo de coloração para potencializar a produção de sentido de quem as retratou e de tornar espontânea uma cena, retratar a realidade, em um momento de dramatização e demonstração de ações relacionadas à prestação de

socorro aos feridos. Pensar em dramatização para o convencimento nos faz reportar para a possibilidade de se estabelecer uma nova crença na população sobre a saúde pública. Logo, de fato, trata-se de uma estratégia de reconfiguração do *habitus* da sociedade a partir da dramatização exposta nos *clicks* fotográficos, uma vez que não creditava confiança no automóvel ambulância nem no surgimento do cuidado pré-hospitalar.

Todavia, Figueredo (2005, p. 13) discorre que Diretoria Geral de Higiene e Assistência Pública do Rio de Janeiro não alcançou os resultados esperados junto à população, concluindo que:

não era possível que as auto-ambulâncias permanecessem paradas, inúteis nos postos, quando a cidade inteira necessitava delas, embora não se quisesse (...). Os primeiros atendimentos foram os falsos doentes, mandados cair (pela prefeitura) em várias ruas a exigir ambulância. No sentido de educar o povo carioca e de prepará-lo para capacitar-se ao uso dos novos serviços, foram feitos vários ensaios de socorro, no campo de Sant'ana e em outros locais (...). As autoridades trocaram, para isso os guarda-jardins, de praça, determinando que simulassem mal estar para que a ambulância fosse chamada.

Este excerto ilustra o motivo, da subutilização do investimento disponibilizado pela cidade do Rio de Janeiro. A população suspeitava daquele tipo de transporte, o que conduziu os responsáveis às providências dramáticas, tendo por finalidade a persuasão da população para esse novo modelo de cultura voltada ao socorro em urgência em vias públicas. A reconfiguração do *habitus* voltava-se para o conhecimento de uma nova assistência interligada a novos materiais e medicamentos, em virtude da expressiva Revolução Industrial, com um artefato construído para o transporte de feridos sob exigências científicas, chegando ao local do acidente de maneira mais rápida que as carroças de tração animal, devido a motorização do veículo abastecido a petróleo.

A necessidade da aceitação e portanto da mudança de comportamento era tão vital para a cidade ser reconhecida como civilizada que fez o prefeito desenvolver essa estratégia de pessoas fingirem necessidade de atendimento em meio às lindas ruas arborizadas e edificadas em seu governo.

As cenas ensaiadas em um ambiente arborizado, e citado no trecho acima como sendo o Campo de Santana, situado no centro da capital federal – Rio de Janeiro infere às imagens o conceito de *efeito de lugar*. Para Bourdieu (1997) este conceito se produz pela definição do espaço social. Isso porque, eles se revelavam mais um atrativo de luxo que favorecia as classes dominantes, para que estas pudessem ser vistas e reconhecidas. Nesse contexto, os

agentes sociais dominantes do Rio de Janeiro executavam seus poderes naquele espaço físico, transformando-o num espaço social estruturado.

Conseqüentemente, foi o centro da cidade que recebeu o maior número obras e modernização, estando sob a mira das lentes fotográficas para registros de eventos, imprimindo uma simbologia por reunir beleza, civilização e poder.

Outro ponto relevante que ratifica o efeito de lugar proposto por Bourdieu é a localização da imprensa em ruas da região do Centro. As duas revistas selecionadas para o estudo se localizavam na Rua do Rosário e na Rua Gonçalves Dias, pontos estratégicos para a divulgação das transformações exigidas pelo prefeito Pereira Passos.

Pelas lentes fotográficas de Bourdieu (1989), as publicizações das imagens ofereciam a credibilidade e prestígios às ações. Através da confecção do mosaico identificou-se o ator em cena e a população ao redor do “ferido”, observando de forma curiosa o novo modelo de atendimento feito no chão, em vias públicas. As vestimentas utilizadas pela população denotavam mudança implícita aos moldes europeus, os homens trajavam calças, paletós, sapatos fechados e chapéus, configurando seriedade, já que as pessoas consideradas civilizadas trajavam esse tipo de vestimenta na França, e responsabilidade, com destaque para a presença maciça de pessoas do gênero masculino nas imagens.

Nesse sentido, inferimos se tratar de uma condição social e no censo comum serem entendidos com força física. O fato nos remete à *dominação masculina* formulada por Bourdieu (2002), caracterizada pela naturalização das diferenças sociais entre os gêneros pautadas nas diferenças biológicas. Isto implica na violência simbólica e o poder simbólico que estão inseridos no contexto, tornando necessário aos homens provar a sua honra e força e, às mulheres terem suas vozes silenciadas. Desse modo, as imagens representaram as estratégias de convencimento das novas ações propostas pelo governo e, logo, a reafirmação do gênero masculino no cuidado.

Em relação aos homens que posaram com a padiola, chamados de padioleiros, foram instruídos em relação aos socorros de urgência, sendo os primeiros a entrarem em contato com os feridos/acidentados em via pública em situação de emergência. As marcas simbólicas na identidade destes padioleiros referem-se ao uso de quepes, calças e paletós. Estas marcas produzem efeitos e significações, não pelos objetos, mas sim sob a identidade construída através dos tempos (NETO et al, 2013). Neste sentido, cabe considerar o contexto, pois a gestão à época pretendia ser vitrine para as outras regiões brasileiras e esse tipo de assistência

contribuía/colaborava, quando ao menos uma das fotografias publicizadas na imprensa levava o entendimento de fazer ver e fazer crer.

Já Adolpho Possollo retratou em suas duas obras, datadas de 1907, porém elaboradas na temporalidade do estudo, que o serviço de automóvel ambulância deveria ser composto por médico cirurgião e enfermeiro⁴⁶. Deste modo, a proposta de assistência por enfermeiro em automóveis ambulâncias imprimia o capital cultural, principalmente, em relação ao sistema educacional, traduzindo que enfermeiros tinham as habilidades teóricas e práticas mais desenvolvidas que os padioleiros em outros discursos, dado que para habilitar-se ao curso de padioleiros era necessário, apenas, carteira de identidade, saber ler e escrever, ser maior de 21 anos, vacinado contra a varíola e não sofrer de doença crônica nem contagiosa, assim como não ter defeitos físicos (O PAIZ, 1917).

Desta maneira, a importância do uniforme como elemento simbólico traz capital cultural à enfermagem da época, regulamentando um grupo que, ao vestir o uniforme, assume um espírito corporativo. Portanto, estabelece o instrumento ideológico para moldar ações (físicas e mentais) e introduzir novos hábitos e postura (MARTINS e MARTINS, 2008, p.104).

Bourdieu (1998) entende os ritos institucionais como o poder de consagrar ou legitimar um estado de coisas, uma ordem estabelecida, cuja eficácia simbólica reside na capacidade que lhe é próprio de agir sobre o real, ao agir sobre a representação do real. Este conceito vem por explicar o motivo pelo qual as medidas de aquisição dos automóveis ambulâncias e sua inauguração foram impressos no livro de Valdir da Rocha (1980) no que se refere aos “100 anos da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro”, a fim de garantir a informação e a divulgação das ações realizadas dessa organização como instrumento político.

Os ritos são repletos de significados e significantes. Para Nascimento (2003) a obtenção dos significantes nos fac-símiles, os atributos pessoais e de paisagem devem ser identificados como elementos do rito institucional, hexis corporal e representação objetual.

⁴⁶Até 1890 a assistência de enfermagem nos hospitais era prestada por irmãs de caridade, ou seja, a enfermagem era exercida com fins caritativos e sem características profissionais. Nesse mesmo ano, o decreto nº 791 de 27 de setembro criava a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras nas dependências do Hospício Nacional dos Alienados, antigo Hospício de Pedro II.

Dentre as diversas obras de Bourdieu, ele destaca que a formação profissional se anexa ao corpo, através de valores sociais correlacionados a gênese sócio-econômica e de classe.

Na aplicação ao corpus documental da pesquisa, a hexis corporal foi retratada a partir da presença de profissionais, sejam padoleiros ou enfermeiros, nas imagens, e pode ser compreendida como um modo de expressão e pensamento inerente ao corpo chamado de “espírito”, já que o corpo é considerado mediador prático entre o simbólico e o social (MONTAGNER, 2006). Logo, o corpo é um mediador de cuidados, e a gestualidade expressa pode inferir ao leitor/ferido o grau de aceitabilidade, de credibilidade da prestação da assistência.

Quanto às representações objetais, Bourdieu afirma em sua obra *O Poder Simbólico* (1989, p.112) que são instrumentos materiais (insígnias, emblemas, bandeiras, etc) ou atos que possam produzir uma representação mental, um simbolismo, à uma instituição. Este produz o efeito proposital de representatividade, de apreciação àquele que o vê ou lê. Logo, a bandeira presente na figura nº 3 tinha representatividade de cruz, provavelmente, na cor avermelhada, remetendo o simbolismo da Cruz Vermelha Brasileira, instituição de poder e prestígio na sociedade pelos serviços prestados, internacional e nacionalmente, sempre voltado para o cuidado.

A presença de crianças em três das quatro imagens utilizadas no estudo aponta o apelo social e a sensibilização implacado pelo governo em difundir as automóveis ambulâncias. A participação delas nas cenas de dramatização, o comportamento instituído com o uso de roupas que remetiam à cultura francesa impactava nas transformações sofridas pela classe infantil, a civilização se fazia presente, criando um contexto sócio-cultural voltado para o conhecimento e educação.

Percebe-se a preocupação de Pereira Passos ao longo de sua gestão com a utilização das ambulâncias, dado que há relatos da época, referentes à expedição e autorização de verba na Diretoria Geral da Fazenda de seu governo para aquisição de automóveis ambulâncias para o serviço de Assistência Pública, assim como relatos sobre a necessidade de construção de telheiros para abrigo deste artefato, destinado ao serviço da Assistência Pública, no terreno do posto da sétima circunscrição, com a maior brevidade possível (Documentação Avulsa - AGCRJ).

As informações corroboram com a assertiva de que as estratégias traçadas para a adesão do cuidado em urgências por meio de automóvel ambulância, em vias públicas consolidaram o novo modelo de assistência proposto pelos gestores Pereira Passos, Oswaldo

Cruz e Lauro Muller, visto a necessidade de adquirir mais veículos desse porte, talvez para expandir essas ações de saúde a outras localidades como fez com os banheiros públicos, instalando-os também na zona sul da cidade (SILVA, 2018). Com isso, a cidade alterou o seu status, frente à profundas reações e transformações no campo da saúde, econômico e cultural.

5.4 - Síntese da Seção

Na presente seção abordou-se a inserção do automóvel ambulância na gestão do prefeito Pereira Passos, no Rio de Janeiro. Levantados os aspectos estruturais desse artefato fabricado na França e desembarcado na capital federal em 1905.

As mudanças ocorridas pela substituição do transporte à tração animal por veículos com motor à combustão foram discutidos à luz de uma nova cultura implementada em um contexto de expressiva produção em massa, dado o período da Revolução Industrial, e o desejo de se equiparar as potências mundiais da época.

O capital simbólico associado ao *habitus* intuído na sociedade demonstraram o poder das transformações propostas pelo prefeito Pereira Passos, impondo comportamentos distintos, auxiliados pelos ritos institucionais e representações objetais, e direcionando-a para novos costumes e aquisição de conhecimento.

A elaboração do Mosaico 1 proporcionou o encadeamento de ações frente à esse novo modelo de assistência no campo da saúde, quando foram realizadas descrições das figuras nº 2, 3 e 4 extraídas da obra de Ataulfo de Paiva (1922), junto ao desenvolvimento das noções de base de Pierre Bourdieu pertinentes ao contexto social, cultural e sanitário.

As cenas de dramatização utilizadas como ferramenta para convencimento da população de um novo modelo de prestação de cuidado em vias públicas foram preparadas para impressionar com rigor de detalhes, demonstrando a capacidade do governo em promover as medidas de sua gestão, e adquirir a credibilidade e confiança das mídias. O contexto direcionava os olhos de investidores para a capital federal, favorecendo o momento industrial com mais produção de matérias primas e mais empregos.

SEÇÃO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Revolução Industrial foi a transição para novos processos de manufatura no período entre 1760 e 1840. Esta transformação incluiu a transição de métodos de produção artesanal por máquinas, a fabricação de novos produtos químicos, novos processos de produção de ferro, maior eficiência da energia da água, o uso crescente da energia a vapor e o desenvolvimento das máquinas-ferramentas, além da substituição da madeira e de outros biocombustíveis pelo carvão. A revolução teve início na Inglaterra e em poucas décadas se espalhou para a Europa Ocidental e os Estados Unidos.

O Brasil vislumbrou na França, as características necessárias para transformar a mentalidade de seu povo, inclusive na capital federal onde havia condições higiênico-sanitárias e industrialização rudimentar.

Isto posto, a primeira década do século XX representou uma época de grandes transformações para a cidade do Rio de Janeiro, motivadas, sobretudo, pela necessidade de adequar a forma urbana às necessidades reais de criação, concentração e acumulação de capital.

Com efeito, o rápido crescimento da economia brasileira, a intensificação das atividades exportadoras e, conseqüentemente, a integração cada vez maior do país no contexto capitalista internacional, exigiam uma nova organização do espaço condizente com esse momento de organização social.

A cidade sofria com sérios problemas de saúde pública. Doenças como a varíola, a peste bubônica e a febre amarela assolavam a população e preocupavam as autoridades. No intuito de modernizar a cidade e controlar essas epidemias, o presidente Rodrigues Alves iniciou uma série de reformas urbanas e sanitárias que mudaram a geografia da cidade e o dia-a-dia de sua população.

As obras arquitetônicas na cidade ficaram a cargo do engenheiro Pereira Passos, nomeado prefeito do Distrito Federal em setembro de 1902. Ruas foram alargadas, cortiços foram destruídos e a população pobre foi removida de suas antigas moradias.

Ao médico Oswaldo Cruz, que assumiu a Diretoria Geral de Saúde Pública em 1903, coube a campanha de saneamento da cidade, que visava erradicar a febre amarela, a peste bubônica e a varíola. Assim, em junho de 1904, o governo fez uma proposta de lei que tornava obrigatória a vacinação da população.

O estopim da revolta foi a publicação de um projeto de regulamentação da aplicação da vacina obrigatória no jornal de circulação. O projeto exigia comprovantes de vacinação para a realização de matrículas nas escolas, para obtenção de empregos, viagens, hospedagens e casamentos. Previa-se também o pagamento de multas para quem resistisse à vacinação.

Nesse momento, o povo indignado e contrariado iniciou uma série de conflitos e manifestações que se estenderam por cerca de uma semana até a suspensão das medidas impostas pelo governo.

Contudo, ressaltamos a abrangência que essa estratégia de Pereira Passos trouxe em benefício à cidade pela sua beleza, e, a um determinado grupo da sociedade, a conquista do poder e prestígio desejados. No entanto, diversas medidas foram adotadas concomitantemente visando atender os objetivos propostos de sanear, remodelar e abrir portos.

O saneamento foi entendido como ferramenta para preservar ou modificar o meio ambiente, com a finalidade voltada para a prevenção de doenças e no cultivo da saúde pública. A destruição das moradias coletivas, a proibição de cuspir nos espaços públicos, de vendas de alimentos expostos, da circulação de animais e os banheiros públicos instalados enquadram-se na definição. Isto gerou uma mudança no *habitus* social da população, que era obrigada a mudar sua forma de agir em público.

Reforçando tal mudança, o médico Oswaldo Cruz se esforçou na condução de ações sanitárias em razão da necessidade de se imprimir um local limpo e higiênico, proporcionando o embelezamento da Capital Federal. O governo de Pereira Passos acompanhou tal pensamento, modernizando o serviço de transporte de doentes por meio de automóvel ambulância evitando o modelo de tração animal que contribuía para a sujidade local e dava um aspecto rudimentar e arcaico ao serviço.

O maquinário “desfilou” pela cidade como uma “vitrine” moderna do governo, criando uma inculcação de ares franceses na Capital, uma tentativa de trazer importância

social à população comparado aos europeus. Construía-se assim, um capital simbólico novo sobre este artefato.

A compra do veículo automóvel ambulância, com base nos subsídios da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, se concretizou em 1904 com inauguração da mesma em 1905 no congresso latino-americano, buscando, implicitamente, a aceitação do artefato pelos pares científicos brasileiros e a construção do capital simbólico da gestão Pereira Passos, na inovação ao atendimento às urgências em vias públicas.

A Associação por si, tinha um outro viés, almejando simbolicamente aproximar-se à política e ao governo com os seus subsídios. Não se tratava de uma mera “doação social” mas, aos olhos desta pesquisadora, um jogo de interesses que visava um maior reconhecimento social, um Poder simbólico a ser vislumbrado.

O embelezamento da capital não se restringiu à nova arquitetura sonhada por Pereira Passos, consonante às suas ambulâncias movidas à diesel. Estas eram divulgadas em pergaminhos imagéticos a fim de entrarem para a história, ao se contratar um fotógrafo para retratar estes feitos, entre outros.

A fotografia adequou-se às novas formas de pensar e às novas necessidades de visibilidade potencializadas pela racionalidade moderna. Logo, o uso de cores e formas de se captar o que era visto ou intencional de ver, favoreciam ou não às investidas divulgacionais do governo.

A dramatização veio como uma ferramenta para inculcar que o serviço era funcionante e que deveria trazer além de embelezamento, um retorno à população. Não cabe garantir neste estudo que tal retorno era inerente aos índices de melhoria da condição de saúde em si, em virtude da ausência de dados epidemiológicos à época. No aspecto ideológico, sentir-se contemplado na questão da atenção às urgências por esta gestão, que visava paisagismo e condições sanitárias, daria a sensação de inserido em uma política pública inovadora.

Neste cenário, a escolha do local fotografado foi opcionalmente articulada com a necessidade de se olhar o Centro da Cidade como novo *campo* a ser introduzido no *habitus* da atenção às urgências. Palco de mudanças culturais, incluindo movimentos artísticos, veio a refletir para além do recorte temporal do estudo, em uma nova dinâmica organizacional da

população do Distrito Federal, constituindo um *efeito de lugar* sobre os integrantes que ali permaneciam.

Os ares do centro cultural e urbanístico faziam emergir novas idéias, passeios, reuniões de governo em seus palácios, melhores trajes entre outros. Nasciam cidadãos mais “refinados” para um Brasil a ser doutrinado como emergente no cenário mundial.

E como parte integrante deste refinamento, a população masculina ganhava destaque com sua publicização por meio das fotografias sobre prestação de serviço de urgência. Nelas, o maior quantitativo era de cidadãos masculinos, que efetivamente eram usados para dar maior credibilidade ao fenômeno retratado, visto que o papel dominador destes ainda era relevante na sociedade da Capital Federal.

Corroboro que a dominação masculina autenticava a fotografia na dramaturgia e era amenizada com a presença simbólica e sensível de crianças, vestidas com roupas formais, que remetiam a cultura francesa, e salientadas pelo uso de cores nas imagens.

A importância dos homens dentro da sociedade pode ser também ratificada na escolha destes para serem “atores sociais” das ambulâncias automotivas, pois eles vitrinizavam a condução destas por meio de poses e a visibilidade do uso do uniforme como padrão, com calças e quepes. Isto deu um sentido profissional ao serviço prestado, que veio a desencadear cursos de padoleiros a serem ministrados pela Cruz Vermelha Brasileira, sendo objeto para outros estudos.

Pensar em uma aproximação deste contexto aos tempos atuais, a aquisição de ambulâncias se reflete em um Poder simbólico entre esferas governamentais e sociais. Primeiro no que tange à legitimidade do uso destas por militares, empresas particulares e públicas. Cada uma destas viabiliza um processo de compra, seu capital econômico, e de visibilidade de sua instituição, tornando este artefato mecânico uma chancela da marca de governo, por uso de adesivos emblemáticos, na parte externa do automóvel, divulgando por diversas vezes a agência de fomento, assim como prefeito Pereira Passos fez com a Associação dos Empregados do Comércio.

Quanto a questão social, o uso de ambulâncias para a sociedade atual enfrenta o viés bem próximo à época de 1902, quanto a acessibilidade aos serviços públicos de saúde. Por meio delas, seria garantido prestação de atendimento inicial, e encaminhamento para unidade

institucional, assim como na gestão de Pereira Passos. Logo, ter um automóvel ambulância significaria agilidade de socorro e efetividade, constituindo capital social. Nos tempos reais, a ausência delas por políticas públicas falhas e ingerência administrativa fez reduzir a credibilidade da segurança do serviço, tido como demorado ou insuficiente.

O uso do símbolo da cruz no automóvel e nos uniformes, nas maletas de atendimento de urgência, tornou-se marco internacional de assistência. Fazer valer estes símbolos no automóvel ambulância, encomendados por Pereira Passos e Associação dos Empregados do Comércio, era dar visibilidade à Cruz Vermelha Internacional, era ratificar uma visão internacional sobre o atendimento, dar prestígio e poder aos que trabalhavam nela e aos que eram assistidos por ela. Era ter história....

E esta se construía também nas bases científicas o saber-fazer no atendimento às urgências. Cabe destacar a importância do médico Adolpho Possolo neste cenário, que em meados de 1905 ditou o que seria “ideal” para esta assistência, em comparação ao visualizado na sua viagem à Europa durante uma avaliação pessoal desta temática e sua aplicabilidade pelo mundo, mostrando mais uma vez a influência europeia mais especificamente francesa na temática.

E como fruto, nos finais dos enlaces deste estudo, deparo-me com um artefato maximizado diferente do que se têm como convencional às réplicas, em forma de miniaturas.

Após contato telefônico e por *email* com o Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, e devida autorização para a visita técnica, encontro um artefato simbólico que remetia a uma maquete do automóvel ambulância da época de 1902 a 1906. A peça encontrada possui a ficha catalográfica com as seguintes especificações: número de catalogação é MC 2, nome da peça “ambulância”, dimensões de 1,00 x 0,53m, material utilizado de vidro, borracha, madeira e metal. Foi procedente do Serviço do Arquivo Geral, com o ano de entrada em 1940, sendo seu estado de conservação considerado regular, com duração proposta de 10 anos pelo fabricante não definido. A imagem da peça foi inserida no Apêndice E do estudo.

Tal artefato constitui uma proposta para futuros estudos, a serem desenvolvidos junto ao grupo de pesquisa, porém válida a importância que o mesmo teve no contexto histórico da atual cidade do Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal.

Dizer que este estudo findou seria leviano, pois aqui aponto inferências a serem destrinchadas em outras pesquisas no que tange ao atendimento com automóvel ambulância. A eficácia, as dificuldades encontradas à época, os índices epidemiológicos constituindo impacto na saúde da cidade, as interfaces dos profissionais envolvidos e seu sistema de ensino para adquirir habilidades...

Essas possibilidades podem vir a preencher a história não contada....mas guardada. A sirene dos tempos idos era o barulho de um motor, já as rodas de metal das ambulâncias não eram só de Pereira Passos, mas sim um marco simbólico de uma Capital ainda em construção.

REFERÊNCIAS

A Notícia. Mattas, jardins, arborização, caça e pesca. Rio de Janeiro, p. 05, 20 set 1906. Disponível em: < <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

Academia Nacional de Medicina. Parecer da Comissão. 1908. Fundação Biblioteca Nacional. Localização: I-389, 2, 15, n. 11.

Alves, APC. As Representações da Enfermeira na obra “Curso de Enfermeiros” de Adolpho Possollo (1920-1948) [Dissertação]. 110f. 2015. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Baptista, ICQ; Abreu, KCK. A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial. Unisul, 2010.

Batista, A. Processos de trabalho: da manufatura à maquinaria moderna. São Paulo: Serviço Social & Sociedade, n°.118, April/June 2014.

Beltrão, L. Jornalismo opinativo. Porto Alegre: Sulina/ARI, 1980.

Benchimol, J. «Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro». In: Ferreira, Jorge; Delgado, Lucila de Almeida Neves. *Brasil Republicano, vol. 1. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p. 231–285, 2003.

Bonamino, A. et al. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. Rio de Janeiro, Revista. Brasileira. Educação. vol.15 n°.45 Sept./Dec. 2010.

Borges, AGV. Meu triste canto deve ser ouvido: introdução à vida e obra de Francisca Possollo (1783-1838). Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2006.

Bourdieu, P. *La distinction; critique social du jugement..* Paris: Minuit

_____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco zero, 1983

_____. *O poder simbólico*. Lisboa, Portugal: Difel, 1989.

_____. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. Efeito de lugar. In: Bourdieu, Pierre (Org). A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. O Poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. A dominação masculina. Tradução de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BR RJAGCRJ PDF DCA 39.4.1 Coleção Prefeitura do Distrito Federal – Série Documentação Avulsa.

BR RJAGCRJ PDF AAA 39.3.80 Coleção Prefeitura do Distrito Federal – Série Assistência a Alienados (1903-1909).

Brasil COFEN. Lei nº 7.498, de 25 de junho 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html. Acesso da 25/10/2018.

Brasil Lei nº 9.610 de 19 fevereiro 1998. Diário oficial da República Federativa do Brasil: Brasília, DF, 1998. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil/leis/19610.htm>. Acesso em: 30 jul. 2017.

Brasil COFEN. Resolução nº 374, 2011. Normatiza o funcionamento do Sistema de Fiscalização do Exercício profissional da Enfermagem e dá outras providências. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-n-3742011_6590.html Acesso em: 25/10/2018.

Brasil CNS. Resolução 466, 2012: Diretrizes e Normas Regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: 13 jun 2013 seção 1, 2012. p. 59.

Brasil Lei nº 12.527 de 18 novembro 2011. Diário oficial da república federativa do brasil Brasília DF 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm. Acesso em: 30 jul. 2018.

Brenna, GR. Del (org.). O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II. São Paulo: Index, 1985.

Bueno, E. À sua Saúde – A Vigilância Sanitária na História do Brasil. Brasília: Ministério da Saúde: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2005.

Canedo, LB. Discutindo a História a Revolução Industrial. Editora Atual. 12ª ed: 1994.

Cardoso, CF; Vainfas, R. Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

Carvalho, JM. Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Carvalho, NO. O Encilhamento: anatomia de uma bolha brasileira. São Paulo: Bovespa, 2004.

Carvalho, LA. Habitações Populares. 2. ed. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1995.

Cerri, FL; Silva JA. Norbert Elias e Pierre Bourdieu: biografia, conceitos e influências na pesquisa educacional. Revista Linhas, Florianópolis, v.14, n. 26, jan/jun. 2013. p. 171-198.

Disponível em: <
<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1984723814262013171/2538>> Acesso em 25 mar. 2019.

Coehn, A; Gorberg, S. O Cotidiano Carioca no Início do Século XX. 3ª edição. Rio de Janeiro: AA Coehn Ed.: 2009.

De Paioli, P. Entre Relíquias e Casas Velhas: A arquitetura das reformas urbanas de Pereira Passos no Centro do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Rio Book's, 1ª ed., 2013.

Denzin, NK.; Lincoln, YS. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: Denzin, NK. e Lincoln, YS. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Elias, N. O Processo Civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

Emmanuelli, X; Emmanuelli, J. Au secours de la vie. La médecine d'urgence. Imprimerie Kapp Lahure. Evreux, 1996

Ermakoff, G. Rio de Janeiro 1900-1930. Uma crônica fotográfica, Copyright, 2003.

Faria, AP. Notas para a genealogia da família Possollo (de origem genovesa). Leorne: Typographia Raphael Giusti, 1906.

Ferreira, LO; Maio, MC. e Azevedo, N: 'A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: a gênese de uma rede institucional alternativa'. História, Ciências, Saúde—Manguinhos, IV(3): 475-491, nov. 1997-fev. 1998.

Ferrez, G. A muito leal e histórica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro: quatro séculos de expansão e evolução. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro: Museus Castro Maya, 2015.

Figueiredo NMA. Enfermagem: Cuidando em Emergência. Yendis Editora . São Caetano do Sul: 2005.

Fonseca EFR. A imagem pública da enfermeira-parteira do Hospital Maternidade Pró-Matre do Rio de Janeiro no período de 1928-1931 : (des)construção de uma identidade profissional (Dissertação) Mestrado em Enfermagem, Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2011.

Fonseca, EFR.; Porto, FR. Fac-símile na pesquisa em história da enfermagem obstétrica: Inauguração da capela da Pró-Matre (1923). Revista de pesquisa cuidado é fundamental, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 1495-1505, out/dez, 2010. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1315/pdf_236>. Acesso em: 25 out. 2018.

Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Arquivo e Documentação. Fundo Fundação Rockefeller: catálogo. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

Gibbs, G.; Costa, RC. Análise de dados qualitativos. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Grespan, JA. Revolução Francesa e o Iluminismo – Repensando a História. Editora Contexto. 2003.

Guran, M. Linguagem fotográfica e informação. Rio de Janeiro: Gama Filho; 1999.

Hergé. *History of the Automobile: origin to 1900*. 2003.

Hochman, G. Vacinação, varíola e uma cultura da imunização no Brasil. Rio de Janeiro: *Ciênc. saúde coletiva*, vol.16, nº.2, feb. 2011.

Hull, P. "Delahaye: Famous on Road and Race Track", in Ward, Ian, executive editor. *World of Automobiles*. London: Orbis, vol. 5, p.521, 1974.

Iglesias, F. *A Revolução Industrial*. Editora Brasiliense: 9ª ed. 1987. Kok, G. *Rio de Janeiro na época da Av. Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.

Lage, N. Entrevista concedida à Patrícia Paixão por e-mail. 8 jun. 2017.

Leite, MM. *Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica*. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1993.

Le Goff, J. Documento/Monumento. *Enciclopédia Einaudi*, n. 1. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 1985.

Lisovsky, M. Dez proposições sobre o futuro da fotografia, *Revista FACOM*, p. 11, São Paulo, 2010.

Manwaring, LA. *The Observer's Book of Automobiles* (12th ed.). Library of Congress catalog card # 62-9807. p. 7, 1996.

Marcondes, N, Brisola, E. Análise por Triangulação de Métodos: um referencial para as pesquisas qualitativas. *Revista Univap*, 2014.

Martins, LAP; Martins, RA. Infecção e higiene antes da teoria microbiana: a história dos miasmas, 2008. Disponível em: < <http://www.ghctc.usp.br/server/pdf/ram-Miasmas-Sci-Am.PDF>>. Acesso em: 20 abr 2019.

Mauad AM. Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas. vol. 12, n.14, p. 33-48, jan/jun 2016 ISSN-e: 2359-0092 DOI: 10.12957/revmar.2016.20858

Mello, MTB. de. *Arte e fotografia: o movimento pictorialista no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.

Melo, VA.de. O automóvel, o automobilismo e a modernidade no Brasil (1891-1908) In: Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 30, n. 1, p. 187-203, set. 2008.

Mirzoeff, N. Uma Introdução à Cultura Visual 2003.

Montagner MA. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. 2006. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/pierre-bourdieu-o-corpo-e-a-saude-algumas-possibilidades-teoricas/16?id=16> Acesso em 20 ago 2019.

Nascimento SA; Porto FR. “O dia da Enfermeira” nas páginas da Revista da Semana (1929-1930): Anna Nery e os lucros simbólicos – Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro. 2013. 146 p.

Neto M; Nassar PR; Freitas TM; Porto FR. Cuidados prestados ao recém-nascido: higiene e roupa no século XIX. Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro: v. 21, n. 2, p. 192-6, abr/jun. 2013.

O Paiz. Lorotas. Rio de Janeiro, p. 02, 11 jun. 1903. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 15 jan. 2019.

Oliverira, C, Galiard, A. Expressão de Imagens Fotográficas na Mídia Impressa - Uma Análise Semiótica do uso de Figuras Políticas nas capas dos Jornais Zero Hora e Correio do Povo. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul – Passo Fundo – RS, 2007.

Oliveira C, Velloso MP, Lins V. O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

Ortiz, R (Org.). Pierre Bourdieu. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

Paiva, NA. Assistência Pública e Privada no Rio de Janeiro: historia e estatística: comemoração do Centenário da Independencia Nacional, Rio de Janeiro, 1922.

Paiva, EF. História e Imagens. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Pegoraro, E. Da fotografia pictorialista aos primeiros ensaios de uma fotografia moderna no Paraná. VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2010

Pinheiro, MC; Fialho Jr, R. Pereira Passos: Vida e Obra. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2376_Pereira%20Passos%20vida%20e%20obra.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2016.

Pinheiro, MC, JR, RF. Pereira Passos: Vida e Obra. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; 2006.

Piva Junior, D. Sala de Aula Digital: uma introdução à cultura digital para educadores. São Paulo: 1 ed. Saraiva, 2013.

Popinigs, F. As sociedades caixerais e o “fechamento das portas” no Rio de Janeiro (1850-1912). Cad. AEL, v. 6, n. 10/11, 1999.

Portal Augusto Malta. Augusto Malta, dono da memória fotográfica do Rio. Disponível em: <<http://portalaugustomalta.rio.rj.gov.br/blog-post/augusto-malta-dono-da-memoria-fotografica-do-rio>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

Portal do Trânsito Brasileiro. Disponível em <http://www.transitobr.com.br/index2>. Acesso em 14 ago 2017.

Porto, FR. Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira brasileira na imprensa ilustrada: o poder simbólico no click fotográfico (1919-1925). 2007. 174 f. Tese (Doutorado) - Curso de Enfermagem, Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Possollo, A. Transporte de doentes – Principalmente feridos. Publicações do “Brazil-Médico”, Rio de Janeiro, 1907.

_____. Uma viagem à Europa. Typ. Rebello Braga, Rio de Janeiro, 1907.

_____. Curso de Enfermeiros. Leite Ribeiro e Maurillo. Rio de Janeiro. 1920.

Rocha, V. Um Século 1880-1980 – 100 anos de Proteção e Assistência ao Comerciário. Rio de Janeiro: Empresa Editora Carioca Ltda. 1980.

Romancini R, Lago C. História do jornalismo no Brasil. Florianópolis: Insular, 2007. 276 p

Rouillé, A. A fotografia: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.

Santos, AMSP; Motta, MS. O “bota-abaixo” revisitado: o Executivo municipal e as reformas urbanas do Rio de Janeiro (1903-2003). *Revista Rio de Janeiro*, n. 10, p.5-40, maio-ago. 2003. Disponível em: <http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-Angela-Marly.pdf>. Acesso em: 10 out 2019.

Santos, GF. O Livro do Enfermeiro e da Enfermeira. Rio de Janeiro: Est. Graphico.1928.

Schurmann, B. Urbanização Colonial na América Latina: cidade planejada versus desleixo e caos. *Textos de História*, vol. 7, nº 1/2, 1999. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/11861?locale=pt_BR . Acesso em 01 mar 2020

Sevcenko, N. *A Revolta da Vacina*. Porto Alegre: Scipione, 1999.

Silva, EAC; Tipple, AFV, Souza, JT; Brasil, VV. Aspectos históricos da implantação de um serviço de atendimento pré-hospitalar. *Revista Eletrônica Enfermagem*. [Internet]. 2010;12(3):571-7; [acesso em: 24/08/2011]; Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n3/v12n3a23.htm>.

Silva, SA. Entre Des(Encantos) Mil da Cidade Maravilhosa: Instalação dos Banheiros Públicos (1902-1906) [Tese]. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Alfredo Pinto - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

Site do Intensivista. [homepage na internet]. Dominique Larrey [acesso em 20 out 2018]. Disponível em: <http://www.medicinaintensiva.com.br/larrey.htm>.

Takeda, E. Riscos Ocupacionais, acidentes de trabalho e morbidade entre motoristas de uma central de ambulância do Estado de São Paulo [Tese Doutorado]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2002.

Vaz, LF. Modernidade e Moradia: Habitações coletivas no Rio de Janeiro – séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

APÊNDICE B – Termo de Autorização para uso de imagem do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Gabinete do Prefeito
Subsecretaria de Serviços Compartilhados
Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro
Rua Américo Lima, 15 – Cidade Nova – 20211-120
arquivo@pcrj.gov.br – (21) 2273-3141 / 2273-4582

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM DO ACERVO

A reprodução do documento relacionado no Pedido Nº 28 (2018) da Subgerência de Documentação Escrita, pertencente ao acervo do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, no total de 24 (vinete e quatro) imagens, serão entregues, de acordo com o Parecer da Procuradoria Geral do Município / PGM, exarado no Ofício nº 143 do C/DGDI/ARQ de 05/09/1997.

Razão Social ou Nome: Thaticiana Almeida Ferreira Campos
CNPJ ou RG: 12763845-0
Endereço: Rua Alaguará, 1266 - 5601/107 - Freguesia
Cidade: Rio de Janeiro
Estado: RJ
CEP: 22745-271
Tel.: 997549775
EMAIL: thaticferreira@yahoo.com.br

A imagem digitalizada em 72 DPI, JPG, sem tratamento será cedida apenas para a utilização informada pelo solicitante estando vedado seu emprego sem a autorização, por escrito, desta Instituição, de acordo com a Lei 9610/98, em quaisquer outros meios ou veículos, onde haja acesso público ou privado com faculdade de reprodução ou cópia em meio eletrônico, magnético, impresso ou de outra natureza, assim como sua inclusão em banco de dados para uso posterior.

O não cumprimento destas normas implicará em multa de 100 (cem) vezes o valor de cada imagem indevidamente utilizada.

APÊNDICE C – Declaração de comparecimento fornecida pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.



Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado da Casa Civil e Governança
Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins, que **THATIANA ARRUDA FERREIRA CAMPOS**, pesquisadora inscrita no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro - APERJ sob o número 84/2019 compareceu nesta data para pesquisa acadêmica de mestrado no acervo custodiado pelo Arquivo.

Rio de Janeiro, 31 de maio de 2019.


JOHENIR JANNOTI VIÉGAS
Diretor do Departamento de Acesso à Informação
APERJ - Id. 4197444-1

Johenir Jannoti Viégas
Diretor do Departamento de
Acesso à Informação
APERJ - Id. 4197444-1

APÊNDICE D – Carta de Solicitação de consulta ao acervo do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CARTA DE SOLICITAÇÃO

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2019.

Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro
Ao Sr. Luis Otávio Raibolt – museólogo
Assunto: solicitação de consulta ao acervo

Encaminhamos o presente instrumento com objetivos de apresentar a mestranda THATIANA ARRUDA FERREIRA CAMPOS, matriculada no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; e solicitar consulta e coleta de dados referente a temática ambulância na renomada instituição em apreço.

A mestranda THATIANA ARRUDA FERREIRA CAMPOS é matriculada no PPGENF, inserida no grupo de pesquisa sob sigla LACUIDEN, com pesquisa em andamento, intitulada provisoriamente Automóvel ambulância: estratégias para configuração do habitus no Distrito Federal (1902-1906). Desta forma, com bem se pode identificar nas balizas temporais o contexto se refere a gestão pública do Prefeito Pereira Passos no Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal, quando um dos seus legados foi a implantação de automóveis ambulância para transporte e socorro, especialmente, em via pública no Rio de Janeiro.

Na certeza de contar com sua compreensão, agradecemos a atenção e nos colocamos a sua disposição para mais informações.

Saudações acadêmicas,



Dr. Fernando Porto
Líder do GP LACUIDEN
Professor do PPGENF

APÊNDICE E – Maquete do Automóvel Ambulância, acervo do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro.

